

JORNAL DE 2^a FEIRA

JUNDIAÍ, 24 A 30 DE JANEIRO DE 1977 — ANO II — N.º 83 — Cr\$ 2,00



ADEUS, IBIS.

O prefeito que sai não quis falar (nem agora) ao Jornal de 2a.. Mas teve quem falasse. Veja nas páginas centrais.

Combustível

Francisco de Assis Oliva comenta a nova medida e conclui: "Eu só queria entender". Página 2.



O RELATÓRIO VIOTTI

Segundo informações não oficiais, mas dignas, da maior confiança, médicos do Hospital São Vicente que estão com seus salários atrasados em alguns meses estiveram no gabinete do prefeito Ibis Cruz, a fim de tentarem sanar essa irregularidade. O prefeito, ainda segundo essas informações, disse aos médicos que não havia dinheiro para o pagamento dos atrasados e foi mais além: através de indiretas a este ou aquele médico presente à reunião insinuou saber de "coisas" que não dariam a eles autoridade nenhuma para estarem reivindicando direitos. Essas "coisas" seriam algumas irregularidades acontecidas no Hospital, nas quais eles estariam envolvidos.

Apesar dos poucos detalhes conhecidos a respeito dessa reunião, as informações obtidas bastam para revelar o "quadro clínico" da Saúde em nossa cidade, razão desta série de comentários. Ou, na melhor das hipóteses, revelam sintomas de que "a coisa aqui está preta".

Alguns desses sintomas já estavam contidos no relatório do ex-Diretor-Clínico do Hospital São Vicente, o médico Murilo Rodrigues Viotti, de onde extraímos dois tópicos para a análise da semana passada. Hoje, transcrevemos outros itens que mostram o desmoronamento da estrutura daquela casa de saúde, transformada em palco de disputas de interesses que jamais incluem

o melhor atendimento à população.

Vejam o que diz o relatório do Dr. Murilo, enviado ao prefeito em maio de 76 quando de seu afastamento da direção clínica do hospital.

O item "5.5. Convênio entre a Prefeitura e o INPS" assim está redigido:

"A maneira como foi conduzido esse convênio veio confundir e desorganizar nosso sistema de trabalho.

"Por determinação do Sr. Secretário da Saúde do Município, Dr. Arnaldo Martins dos Reis, passamos a contratar médicos, enfermeiros, atendentes, motoristas e serventes para as Unidades de Saúde da Prefeitura que, embora nossos funcionários, pagos pelo Hospital, ficaram sob as ordens da Secretaria da Saúde do Município.

"O atendimento, iniciado sem qualquer planejamento, trouxe confusão ao ambiente hospitalar, que passou, em certos setores, a ser pressionado em função de ingerências das Unidades de Saúde, em prejuízo das reais finalidades do Hospital.

"Os recursos enviados pelo INPS para pagamento dos serviços prestados nas Unidades de Saúde da periferia da cidade e no Hospital em seu Pronto-Socorro e Ambulatório, ficaram, na totalidade, controlados diretamente pela Secretaria de Saúde, embora grande parte devesse ser para o Hospital, criando uma situação financeira e contábil bastante difícil e confusa e, até certo ponto,

inexplicável".

Depois de fazer referência a um "mal-estar no ambiente hospitalar", provocado pela contratação da firma "Poppe-Figueiredo Consultores e Economistas S/C Limitada" pela "elevada quantia de quase meio milhão de cruzeiros" para serviços de consultoria técnica, depois de relatar o afastamento do Assessor Técnico da Diretoria, Sr. Antônio Carlos Della Coleta e o rebaixamento do Diretor Administrativo Capitão José Rodrigues Martins ao cargo de Vice-Diretor "sem função", o autor termina o item 5.5. do seu relatório afirmando que "em tudo isso, também se desvirtuou a verdadeira finalidade do Convênio, de dar atendimento apenas às urgências, sobrecarregando o Hospital com movimento de exames subsidiários e consultas que ele não comportava e levando seus serviços a uma total confusão".

Segundo informações, esses "exames subsidiários" seriam, em sua maior parte, serviços prestados à Sobam, grupo médico do qual é proprietário o Dr. Arnaldo Martins dos Reis e que, à falta de uma estrutura hospitalar já ventilada no comentário anterior, estaria usando o Hospital São Vicente, numa flagrante irregularidade.

No item "5.7. Compromissos assumidos e não cumpridos", o Dr. Murilo Viotti enumera promessas do prefeito e do secretário da Saúde que não foram, até a data

do seu afastamento, cumpridas. O "amparo financeiro para liquidação programada das contas, a pagar", a transferência para a Prefeitura dos funcionários das Unidades de Saúde, "registrados e pagos pelo Hospital", prometida pelo Secretário da Saúde e que "nunca ocorreu e até agravou" são algumas das queixas do relator. Mas uma delas revela até que ponto as considerações e as propostas do Diretor-Clínico não eram levadas em conta. Diz o relatório: "Quando o Sr. Secretário da Saúde não quis reformar o contrato da Assessoria Técnica com o Sr. Antônio Carlos Della Coleta, mantivemos entrevista com o Sr. Prefeito; resultou que aquele Assessor seria mantido, a nosso pedido. Tal fato não se confirmou, eis que, apenas três dias após, o Sr. Antônio Carlos Della Coleta era desligado da Diretoria do Hospital".

Para os que estranham que tudo isso não tenha sido tornado público, já que o "mal-estar hospitalar" teve como consequência o mal estar do dinheiro público e da saúde dos pacientes, o Dr. Murilo explica no item seguinte do relatório: "5.8. Falta de Comissão Técnica criada por lei. Apesar de nosso desejo, manifestado inclusive por escrito à Secretaria da Saúde do Município, não pudemos inteirar a Câmara dos Vereadores do andamento e encaminhamento do Hospital, devido à não exis-

tência da referida comissão, muito embora tenha sido criada pela Lei Municipal n.º 2049, de 05 de fevereiro de 1974"

E é nesse ponto que nos permitimos outra crítica ao ex-Diretor Clínico. A falta da Comissão Técnica que poderia dar um alerta contra todos esses tropeços impostos pela administração Ibis Cruz ao funcionamento do Hospital São Vicente, poderia o Dr. Murilo Viotti ter feito suas denúncias recorrendo, por exemplo, à imprensa; ou ao INPS, no caso do convênio, ou às autoridades federais que vêm fazendo da moralização o ponto mais alto da sua bandeira para a reconquista da opinião pública, tão abalada por contínuos acontecimentos ligados à má ingerência dos responsáveis pela Saúde pública, ao pouco caso pela saúde do povo.

No entanto, o ex-Diretor Clínico do Hospital São Vicente simplesmente afastou-se do cargo, registrou o descontentamento num relatório dirigido ao mesmo homem que ele sabia conhecedor de tudo quanto se passava no hospital e internou-se no exercício de sua medicina particular.

Atitudes como essa confirmam a mil-vezes repetida frase de que é "impossível lutar contra uma terrível maffia, cujos tentáculos são fortes e poderosos".

E chorar, adianta?

Equipe J 2a.

CARBURANDO MAL

"Racionalizar, e não racionalizar". Mais uma vez, prevaleceu a vocação brasileira de escapar de situações complexas e intrincadas com um jogo feliz de palavras ou com uma bela frase de efeito.

Racionalizar significa usar a razão, ser racional. Ou não ser irracional. Se isso é apresentado como solução genial para a crise do petróleo, que nos aflige desde 1973 e que vem assumindo proporções cada vez mais catastróficas, é o caso de perguntar: e o que se fez, nestes últimos 3 anos? "Não precisa explicar", diria o macaco-filosófico do Planeta dos Homens; "eu só queria entender!"

A principal medida a ser adotada nesse processo de racionalização é o depósito compulsório de Cr\$ 2,00 por litro de gasolina que se compre. Depósito que será restituído só depois de dois anos, sem juros ou correção monetária. Isso pode ser chamado eufemisticamente de empréstimo ou de poupança pelos arautos governamen-

tais; na realidade, é um confisco mal disfarçado, que virá encarecer significativamente aquele combustível.

O aumento do custo da gasolina deverá provocar uma queda no seu consumo. Tal efeito será mais ou menos intenso, dependendo da elasticidade da demanda daquele produto. Essa elasticidade deve ser baixa, pelo menos a prazo curto, devido à dificuldade de substituição do bem. É difícil enxergar outras opções imediatas para os atuais consumidores, quer no uso relacionado com os transportes de rotina, quer nos de lazer. Isso significa que não vai ser fácil baixar o nível de consumo da gasolina. O seu encarecimento acabará se refletindo num aumento generalizado do custo de vida.

A principal consequência da nova medida será a canalização de mais uma imensa soma de recursos para o governo federal. Calcula-se que os depósitos compulsórios se farão ao ritmo de três bilhões de cruzeiros mensais, somados portanto cerca de

Cr\$ 70 bilhões em dois anos. São montantes que superam o próprio imposto de renda, que constitui a segunda mais importante fonte de receita da União, só inferior ao IPI. A instituição desses depósitos representa, sem dúvida, mais um passo importante na trilha que vem sendo seguida de concentração absoluta dos fluxos de riqueza da nação nas mãos do poder central.

Foi apresentado o propósito de destinar tais recursos ao incentivo de planos e programas visando a solução do nosso problema energético. Em tese, tudo bem. Resta saber como as imensas fortunas serão manipuladas por todos esses importantes e poderosos órgãos que, do alto dos imponentes ministérios, atrás de suas siglas misteriosas e cabalísticas, cada vez mais comanda nossa vida e nosso destino. Há razões de sobra para preocupação, pois o que se tem notícia de desacertos e de abusos por parte de nossos administradores demonstra

que seriedade e competência não são, infelizmente, apanágio indispensável de nossos homens públicos.

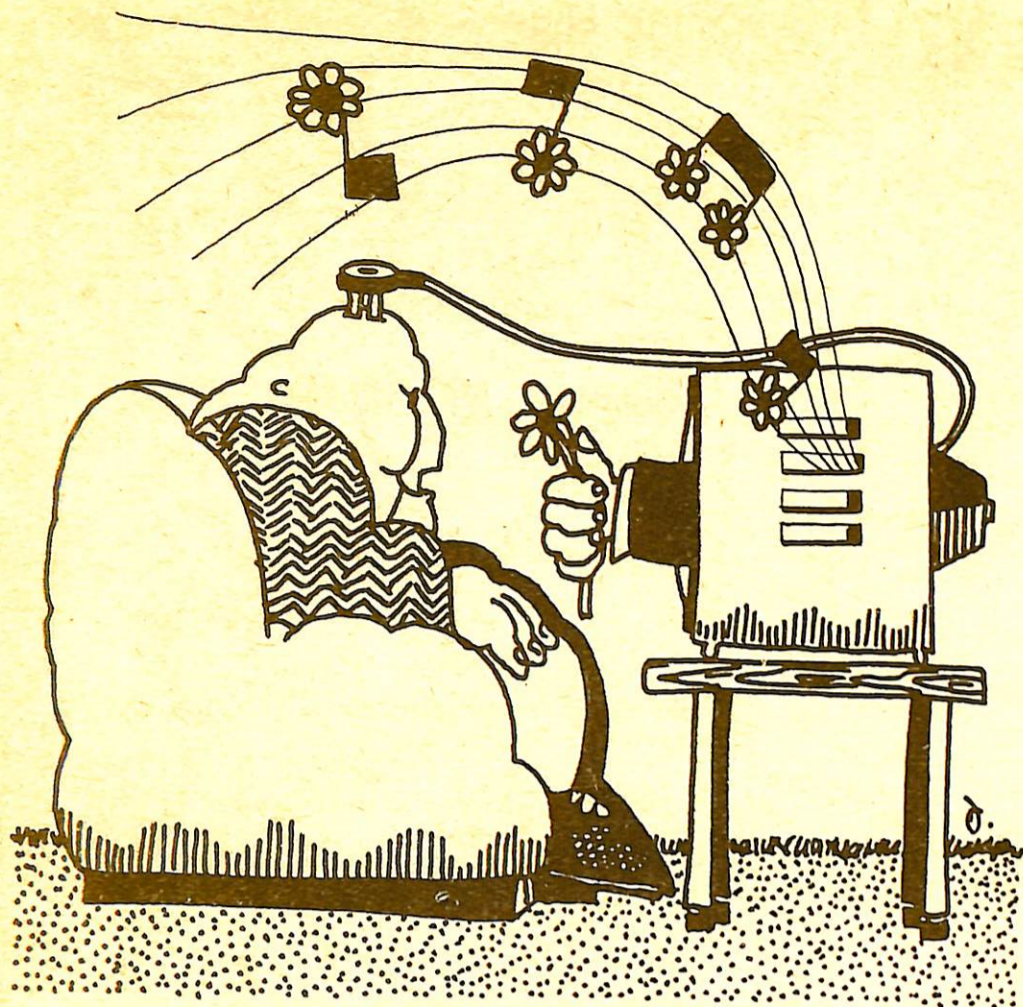
Veja-se, apenas como um simples exemplo, o caso do FGTS. É poupança forçada, extraída com sacrifício do orçamento raquítico do trabalhador. Recolhido de milhões de contribuintes, o Fundo atinge proporções fabulosas e poderia ter construído substancialmente para a solução do problema da habitação popular no Brasil, conforme os belos propósitos estabelecidos na sua criação. Mas foi usado muito mais pra financiar apartamentos de luxo, desvirtuando sua finalidade e alimentando a especulação imobiliária. Pior ainda: o dinheiro do FGTS

foi trazido a Jundiá pelo próprio presidente do BNH, com o aval dos altos órgãos federais e da bancada governamental do Senado, para ser aplicado em obras realizadas a preços escandalosos, dentro de um contrato imoral, por uma empreiteira poderosíssima e extremamente influente. Obras que consistem em avenidas majestosas, projetadas dentro de uma concepção de desenvolvimento urbano baseado no uso intensivo do automóvel. Desse mesmo automóvel cuja circulação é imperioso restringir, sob pena de colapso total de nossa economia.

"Eu só queria entender!" diria o macaco filósofo do Planeta dos Homens. E o macaco está certo. (FAO)

JORNAL DE 2ª

Propriedade da Editora Japi Ltda
Rua Senador Fonseca, 1044 - tel: 434-8648
Redator Chefe: Sérgio Rondino
Ilustração: Décio Denardi
Diagramação: Carlos Kazuo Inoue



A Fiel e os Gaviões

Mesmo depois de passados sessenta dias e de consumado o fato, ainda respingam sobre nós – o **Jornal de 2a.** e o orador que vos fala – gotas douradas de elogios a respeito da nossa “grande atuação durante as eleições municipais”.

“Vocês revelaram os pés-de-barro da toda-poderosa administração Ibis Cruz”, declamam os mais gongóricos.

“Vocês ligaram o ventilador na fiação dos homens”, boquejam os mais chegados às arquibancadas.

E nas falas de ambos a gente percebe o quanto existe de ingenuidade, inconsciência, ou falta de visão mais ampla, a respeito do quadro político, digamos, jundiense, para evitar discurso mais longo e mais perigoso.

É isso mesmo, torcida amiga. Porque eu considero ingenuidade, inconsciência, ou falta de visão, achar que o 15 de novembro de 1976 foi o final do jogo. Ao contrário, acho que foram apenas 15 minutos do primeiro tempo e que, no gol marcado, que foi de bola parada, houve falha da defesa – basta ver a sigla, digo, a súmula do jogo, devidamente rubricada pela Federação.

Você poderá dizer que eu é que fiquei mal colocado em campo e que não pude ter uma visão exata da jogada. Você poderá até afirmar que, levando em conta o fato dos adversários contarem com craques de renome nacional, aquilo foi um golaço. Vá lá.

Mas, antes de dar a sua cambalhota, ou de se persignar diante da galera, atente para os detalhes.

Primeiro, o clube não anda bem de grana. Aliás, nem a Federação, apesar de estar se “racionalizando”. Portanto, não conte com uma boa atuação.

Segundo, o time adversário deverá atacar firme aos 1978 minutos do período regulamentar. E ele, além de ter sido o campeão de renda, vai entrar modificado taticamente: o médico-apoiador vai jogar de centro-avante, e o homem chuta com os dois pés. Tá certo que tem seis marcando ele, uma verdadeira ação conjunta. Mas ele é liso como quiabo: se escapar dessa marcação é gol certo.

Daí pra frente vai ser igual jogo da seleção uruguaia: muita mumunha nos bastidores, digo, nos vestiários, táticas muito bem ensaiadas, jogo pesado e, quando chegar aos 1980 minutos do período complementar, um médico deles entra em campo, joga a torcida contra e a taça volta pras mãos deles, podes crer.

Como, torcida amiga? Estou sendo pessimista? Sou, antes de tudo, um chato? É hora de confiar?

Pois sim. A Rede Globo confiou e está até agora tendo que reprisar o “Bem-amado”.

Pense seriamente nisso: “Bem-amado em lugar de “Despedida...”

É video-tape demais pra que se comemore. Eu acho.

Erazê Martinho

ASSINE
© JORNAL DE 2ª

Guardem seus carros, senhores.

“É evidente que o recolhimento estabelecido constitui um ônus e um encargo financeiro adicional para quem vai comprar gasolina. Mas, é preciso lembrar que a alternativa era o racionamento, o ideal teria sido que se pudesse anunciar simultaneamente que não haveria o racionamento, mas que havia em compensação, esse conjunto de soluções alternativas”.

O ministro do Planejamento tinha boas razões para fazer esse comentário, durante a entrevista coletiva em que ele e os ministros da Fazenda e das Minas e Energia falaram sobre as medidas de racionalização do consumo de combustíveis. Pois, como ele poderia prever ao admitir o erro tático do governo na divulgação das medidas, a reação da população, ao receber a notícia, esteve muito longe de ser um suspiro de alívio.

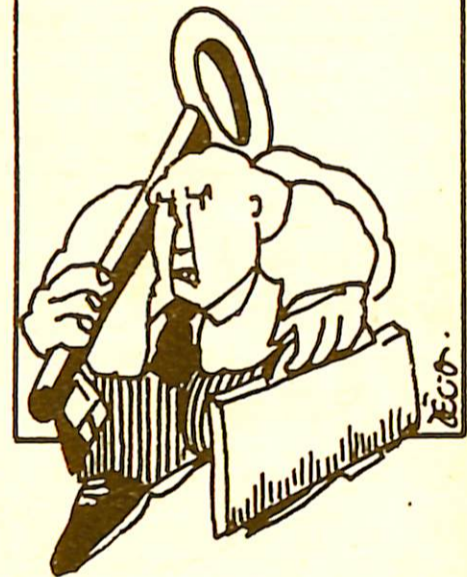
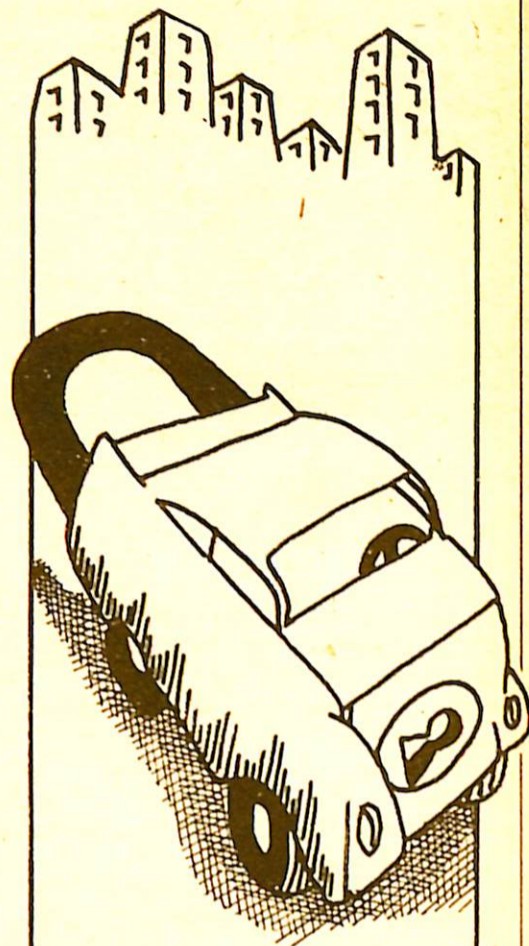
Todo o país discute freneticamente o assunto. Nos botecos, nas rodinhas de esquina, no trabalho e no chamado aconchego do lar, ex-felizes proprietários de automóveis fazem contas, planejam itinerários, desistem de longas viagens de férias, xingam, imaginam-se garbados no comando de uma possante (e econômica) motocicleta, desistem da idéia porque é perigoso, juram que agora só vão andar de ônibus, imaginam-se engravatados sobre bicicletas e imediatamente concluem que não dá pé, ou melhor, pedal, e por aí se vai.

Evidentemente, seria algo temerário afirmar que, entre esses senhores, a popularidade do governo tenha aumentado. Se tivesse, se as medidas não fossem anti-páticas, duras, por que o ministro Velloso iria se preocupar em lembrar que a alternativa era algo pior, isto é, o racionamento puro e simples? Se os proprietários de automóveis ainda estivessem felizes, o vice-governador paulista surgiria defendendo com tanto ardor a eleição indireta para governador, como o fez no início da semana passada?

Não, não gostaram e é justo reconhecer que têm razão. Pois não se pode esperar que, depois de suar para comprar e pagar seu carrinho, de realizar o sonho de passeios e viagens de fim de semana com a família, um homem sorria ao ver tudo isso virar fumaça, como um encanto desfeito.

Só que, por outro lado, também não parece lógico, nem justo, jogar apenas sobre o governo atual, sumariamente, toda a culpa por um problema que não criou, mas herdou. Pois não foi ele quem decidiu puxar com motores movidos por gasolina e diesel o desenvolvimento de um país que não tem petróleo.

O mal é antigo. Durante anos e anos, um governo após outro, incentivou-se no País o transporte individual em vez do coletivo. Abriam-se estradas e mais estradas, enquanto as ferrovias estagnavam, abandonavam ramais ou fechavam. As cargas deixaram os trens e foram passadas para caminhões. Nas cidades, os bondes desapareceram e os



ônibus foram marginalizados, enquanto prefeitos deslumbrados fabricavam minhocões e vias expressas, para que automóveis – e apenas eles – corresse mais e mais. E abriu-se na floresta a Transamazônica, para que automóveis e caminhões pudessem chegar aos mesmos lugares a que já chegavam os barcos do rio Amazonas.

Era a civilização do automóvel. Durante anos o brasileiro foi incentivado, convencido, praticamente arrastado a entrar naquele mundo maravilhoso. Não seja apenas mais um na multidão, descubra-se num Volkswagen, seja feliz num Chevrolet.

Agora, de repente, anuncia-se que o Brasil terá, talvez, a gasolina mais cara do mundo. Que os postos não abrirão mais nos domingos e feriados. Que nos fins de semana o pedágio será 50% mais caro para os automóveis. Que será proibido estacionar nas áreas centrais das cidades. E o ministro Velloso proclama, categórico: a era do transporte individual chegou ao fim.

De repente, o sonho acabou.

"Eu também prometo marcar gols. Sei que a massa gosta disso. Não adianta só jogar bonito se a gente não colocar a bola lá dentro". (Edu, ex-jogador do Santos, agora no Corinthians)

"A Pedra da Lua aumenta as poderosas faculdades de imaginação, de metabolismo positivo, de energia, de independência e de coragem. A Pedra da Lua acabou com o sapo do Corinthians". (De um anúncio publicado diariamente na seção "20 Notícias", do Diário da Noite)

"Não há memória que resista a uma prova compacta de nove disciplinas. E as perguntas, de modo geral, são simples apenas para os que as formulam, talvez por um profundo conhecimento da matéria. Basta considerar que cada professor é incumbido de redigir os quesitos de uma disciplina, mas todas elas deverão ser resolvidas por um só aluno, que está fazendo a prova. Não seria razoável, dentro desse regime, que um só professor formulasse todas as perguntas, para todas as disciplinas?" (Barbosa Lima Sobrinho, Jornal do Brasil, 16/1)

"O rádio e a televisão são duas coisas muito sérias e distintas. Depois de dez anos fazendo rádio e tevê, cheguei simplesmente à conclusão de que preferia o primeiro. Não que eu seja um dos primeiros nomes do rádio, mas é que me tratam assim, me recebem assim. É lógico que eu tinha que me dar mais para o rádio e menos para a tevê" (Haroldo de Andrade, animador)

"Quando sai de casa, minha filha estava um pouco doente e isso me deixou desesperado. Já sei também que, no dia 31, quando ela fizer dois aninhos, estarei no aeroporto, viajando para a Colômbia. A gente sabe que precisa vencer na Seleção, mas não há dúvida de que se concentrar, ficar sózinho à noite (quando escurece os jogadores são obrigados a ficar den-

tro de casa) não é nada agradável" (Palhinha sobre o problema da concentração dos jogadores)

"O livro é um instrumento do saber e da reflexão e deve ser valorizado e difundido enquanto contribui para o aperfeiçoamento do homem e o progresso da sociedade. É preciso que todos se interessem mais e valorizem conscientemente o livro, instrumento de trabalho cotidiano, meio de formação pessoal, fonte de evasão e de sonho, amigo inseparável do bom e da dignidade humana". (Sérgio Leven, novo presidente do Gabinete de Leitura Ruy Barbosa)

"Naturalmente que representar tem suas vantagens... quando, por exemplo, você trabalha muito para vencer uma dificuldade e consegue. Mas se continuo não é por causa de dinheiro. O dinheiro não me preocupa. De qualquer maneira, grande parte do meu dinheiro vai nos impostos". (Glenda Jackson, atriz de cinema)

"Um estudo sobre os anteconcepcionais via oral revela que o risco de câncer no seio e no fígado aumentou de forma significativa entre as mulheres que tomam pílula há quatro anos". (Dr. Haitung Hing, Folha de S. Paulo, 16/1)

"A hora não é de desespero e nem de pânico. A hora é de sugestões. Por isso, encaminharemos ao governo um pedido no sentido de que o horário de funcionamento dos postos de gasolina seja mais limitado, iniciando à meia-noite de sábado até a meia-noite de domingo, pois, se prevalecer o fechamento das 19 horas de sábado até às 6 da manhã de segunda-feira, os motoristas autônomos não terão meios de se abastecer e poderão cair no perigo do armazenamento". (Custódio Guimarães, presidente do Sindicato dos Condutores Autônomos de Veículos Rodoviários do Rio de Janeiro)

PUF

Calombo é um bicho das Américas que carrega os ovos nas costas.

Espadachim era um anãozinho que morreu espetado.

Lábaro foi um porta-estandarte que fazia milagres com os pés.

Gaiato foi o maior psiquiatra japonês.

Herege é uma brisa que sopra sobre os cristãos, na hora do batismo.

Labéu foi o mais forte dos profetas.

Ímpios são mestiços que possuem apenas nove dedos.

Versalhes foi um francês que fazia de tudo na corte de Luiz XIV.

Ferrabrás, é o instrumento oficial para se queimar o casco de cavalos.

Tangente é uma dança de marginais argentinos.

Comichão é um bicho que engole pulgas.

Barbitúrico foi um russo que morreu de sono

Simpósio foi um filósofo que se banquetava com coisas frugais.

Símio é o irmão-gêmeo do gato persa.

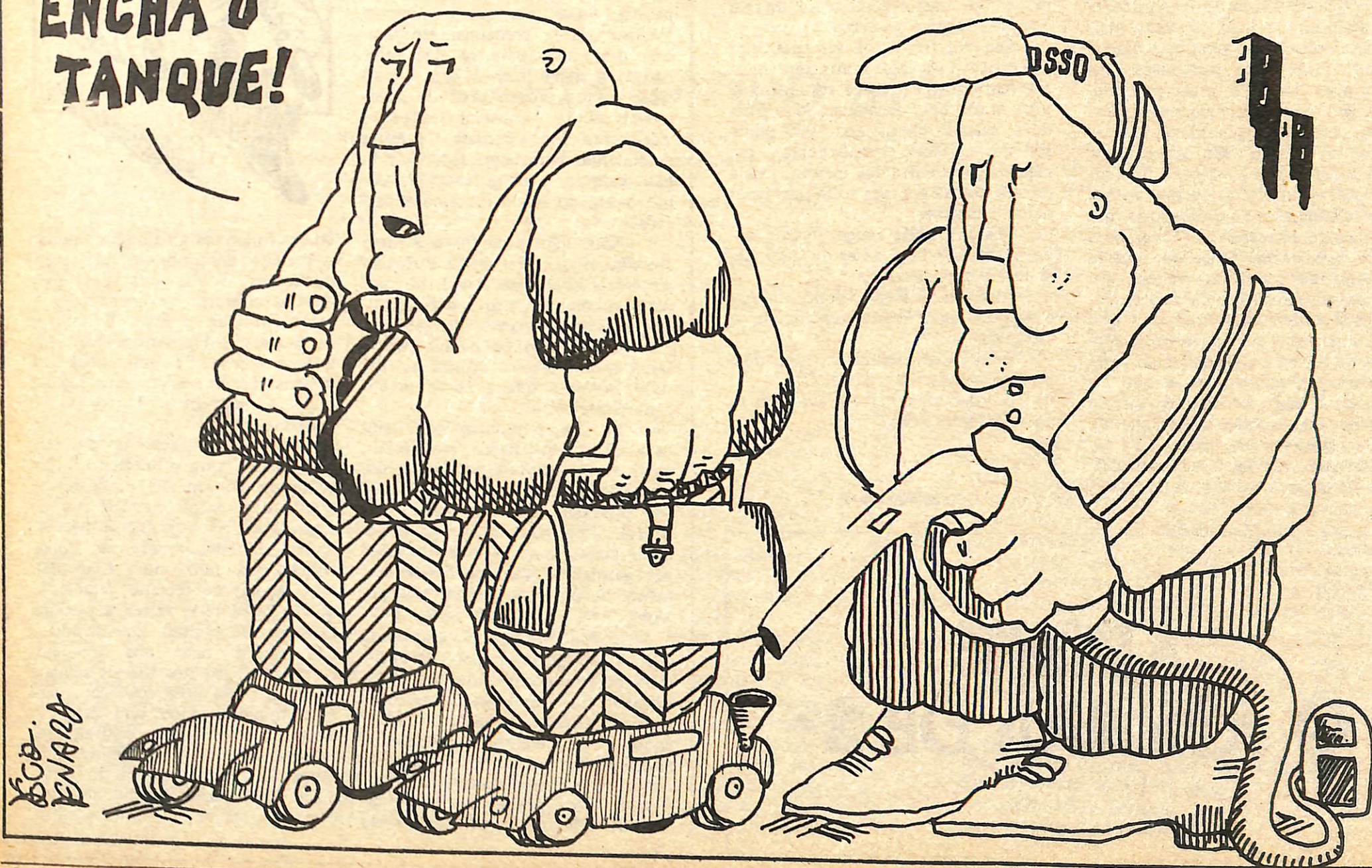
Tagarela é uma dança típica das mulheres italianas.

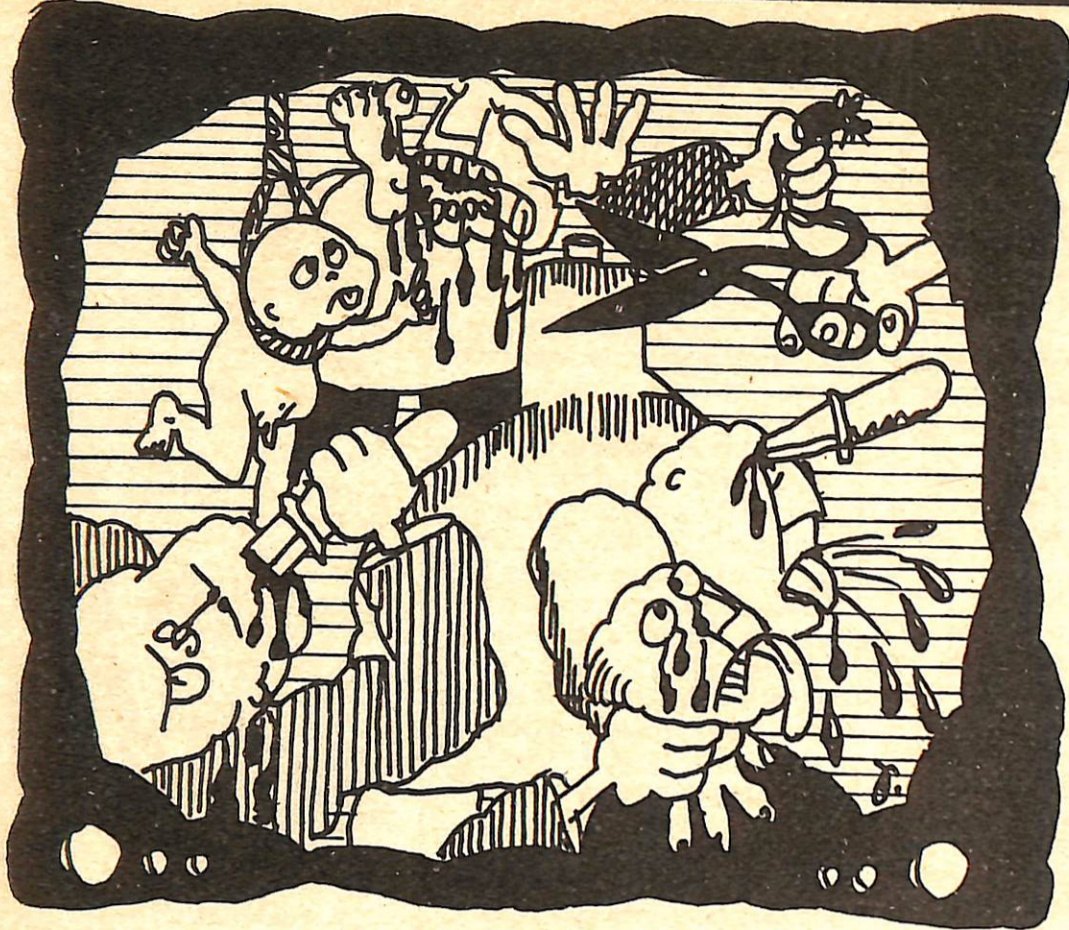
Zarteu

AH
MABS

INTERVALO

ENCHAM O TANQUE!





SHOW DA VIDA

Pá, pá, pá, foi assim com três tiros secos, rápidos e seguidos. Mark Gilmore morreu e agora as suas cinzas serão jogadas de um avião sobre as cidades de Provo e Sprignville, já que esse era o último desejo do sentenciado.

A descrição do pá,pá, pá que os srs. telespectadores ouviram, foi feita pelo escritor (...), que adquiriu os direitos autorais para a descrição da execução de Gilmore, e naturalmente para relatar, em **pocket-book**, as peripécias da vida desse frio e desalmado assassino.

Outrossim, por motivos técnicos, tivemos que adiar "sine dia" a sensacional eletrocução de Jerry Lane Jurek, diretamente do Texas, ao vivo sob o alto patrocínio da Corte de Justiça. Se tudo correr bem e a Suprema Corte não voltar a atrapalhar os nossos planos, a transmissão será feita no próximo dia 16 de fevereiro.

(Atenção emissoras da rede para o toque de oito segundos.)

Mas não se importem os srs. telespectadores, que os nossos repórteres estão atentos em todos os cantos do mundo, no afã de bem informar e de propiciar as melhores e maiores emoções dentro do horário nobre.

(Segue-se breve intervalo comercial)

Nosso "pool" de civilização prossegue agora, senhoras e senhores: a seguir, acompanhe as emoções fortes de SWAT.

(Tiros, socos, bang, crash, soc, argh, stumpf, tá-tá-tá, cadáveres róseos sorrisos, satisfação do dever cumprido, muita ordem e muita lei)

E agora senhoras e senhores, em mais um brilhante trabalho de reportagem, vamos a uma fazenda em Mocooca, interior paulista (ao fundo, aproximando-se do close, didático mapiinha mostrando a localização de tão exótico logradouro, para os telespectadores menos familiarizados com a hinterlândia bandeirante).

E aqui está, frente a frente com as câmaras, Doca Street, o assassino! Fa-la assassino!

Aí está, senhoras e senhores, vejam, com a barba de três dias, notem o seu semblante abatido, notem a sua pré-coma alcóolica, sintam o seu arrependimento, vejam que circunstâncias

fortuitas podem levar um homem até o crime.

Era ele um explorador de mulheres? Era ela, a pantera mineira, uma depravada sexual? Queria ela ir para a cama com a tal alemãzinha loira?

Acompanhem atentamente os detalhes. Vejam como foi que este pobre homem (repito: vejam a barba de três dias; notem o seu semblante de desalento; sintam a sua pré-coma alcóolica de desespero!) atirou quatro vezes (ou terão sido seis?) os legistas ainda não chegaram a um consenso, senhoras e senhores) no lindo rosto desta mulher da sociedade mineira, esta pobre mulher que queria apenas ser feliz, que queria apenas conviver com os seus filhos, que estava cansada dessa vida fútil. Ela, senhoras e senhores, depois de ter brigado com Doca Street, atirou-lhe a bolsa no rosto (close da bolsa). O fecho abriu-se, o revólver escapou, e num momento desvairado, este homem passou a mão na arma, e acidentalmente, quase sem querer, atirou-lhe seis tiros na cara (ou terão sido quatro? Os legistas ainda não chegaram a um consenso, senhoras e senhores).

E agora acompanhem: lá vai ele, para o avião, desmaiado. Aí está ele chegando. Será preso em Niterói? Será preso nas celas imundas de Cabo Frio, entre delinquentes perversos? Hein? Hein? Acompanhem as nossas próximas emissões.

E não percam, logo após a novela das dez, o video-tape da execução de Mark Gilmore, com replay e câmara lenta.

Enquanto isso, assistam Gemini Man. A lei e a ordem em luta contra o mal!

(Senhores telespectadores, lamentamos não poder apresentar a novela "Despedida de Casado", uma vez que aborda a problemática conjugal do brasileiro, e isso, como os senhores sabem, hum, não fica bem... E além disso, quem foi que disse que o brasileiro tem problemática conjugal? O autor da novela, esse mentiroso, tranquilizem-se os senhores telespectadores, já foi devidamente despedido. Ora essa, já se viu?)

Sandro Vaia

Em estado de comoção alcóolica, Doca Street abreviou a sua novela, na qual — na condição de fugitivo — aparecia como personagem principal. Assim, preso em uma clínica o assassino de Angela Diniz volta a Cabo Frio não para bronzear-se ao sol, mas para ficar numa cela bem menos confortável do que os quartos das mansões que costumava frequentar.

Durante muitos dias, só se falou nesse senhor de importância duvidosa. Até "Veja", que de seu Olimpo costuma ironizar essas notícias, normalmente — segundo o semanário — inseridas nas páginas "menos nobres" dos jornais, deu ao caso uma chamada de capa (!), e brindou Doca, generosamente, com um longo espaço. O advogado de Doca, eminente professor de Direito (catedrático!) trovejou e, espalhando lama com um ventilador de alta rotação, pretendeu — burilando uma entrevista à "Manchete" — insinuar que o senhor Street teria, em nome de sua honra (sic) licença para matar. Assim, patenteada uma dicotomia entre os valores legal e honesto, procura-se usar o Código para de forma retórica e nada convincente, a "justificação" do crime. Aí, acredito, alguns reparos precisam ser feitos e algumas coisas precisam ser repostas em seus devidos lugares.

II

Existe uma tendência social, segundo a qual os fatos promíscuos e abomináveis aconteceriam exclusivamente em cortiços periféricos ou nas favelas, sempre envolvendo gente de mais baixa condição social, Ledo engano. No caso dos crimes de morte, os tempos atuais não permitem que se possa diferenciar um caso acontecido num cortiço e um caso que se desenrolou em uma elegante mansão. Aliás, nos cortiços o senso moral chega a ser muito mais rígido. Como comprova esse lamentável caso de Doca e Ângela Diniz: por trás disso tudo, um mar de lama moral, na qual chafurdam personagens despidos de qualquer senso moral ou ético, irmanados no lema "tudo é permissível".

III

Divididos em dois extremos, os parceiros de Doca e Ângela se digladiam. Ele, cafften — segundo alguns; ela, lesbica, segundo outros. Ela, libertina, vociferam amigos de Doca. Ele... — enfim, a lista de alegações e ofensas mútuas seria longa, quilométrica, exaustiva.

Pelo que realmente aconteceu, poucos estão interessados. Um ser humano — apesar de tudo, um ser humano — foi sacrificado a tiros. Por um homem que abandonou sua mulher, grávida, para conviver com ela, certamente não supondo que naquela casa em Búzios fosse residir uma vestal.

IV

Pode-se dizer que assim como o suicídio é ato de covardia para o qual se precisa da maior coragem, o assassinato é o ato corajoso em que existe a maioria covardia.

Aprendemos com Fredric Werthan: cientificamente, é enganador salientar o fenômeno isolado de um impulso como se pretende com Doca.

O que vemos, em vez disso, é um ser humano no qual tal impulso opera. O ponto decisivo não é, muitas vezes, o "por que" se faz isso, mas como o justificamos e racionalizamos para nós mesmos.

O impulso é individual, a racionalização é social. É aqui que se encontram o individual e o social. Se o próprio ambiente é duro, é fácil aceitar esse indício e encontrar uma racionalização plausível para o comportamento violento. A idéia de que um impulso para assassinar pode surgir momentaneamente e por si não é sustentável. Nada tem maior preparação do que um ato impulsivo de violência.

Existem, sempre, vários fatores e o aparentemente mais insignificante pode, na presença de outros, tornar-se o mais potente e decisivo. Sem esse fator, o homicídio talvez não fosse cometido.

Werthan, didaticamente, ainda acrescentaria: o caso é diferente quanto aos animais. Se um gato mata um camundongo, não precisamos saber o que acham disso os outros gatos, durante o ato, muito antes ou depois. Conhecemos a espécie gato e, antes desse conhecimento, podemos avaliar o gato como ser individual; mas o conhecimento da espécie ser humano não é suficiente para explicar, e muito menos, para prever a incidência e a forma de sua violência. Existe a influência contínua do meio social, da família e da classe no desenvolvimento do indivíduo. Entra no acontecimento não só o que a vítima pensou no passado, mas, também, o que outros pensaram. O que eles, pensam depois pode ajudar a explicá-lo.

Em resumo: a razão por que os homens matam é sempre encontrada nos fatores negativos da personalidade e da sociedade. É preciso duas pessoas e seu meio social para o crime de morte ser cometido.

No crime de Búzios, esse meio social era o mais sórdido, corrupto e podre possível.

V

Recebi, e agradeço muito, das mãos do comandante-geral da Polícia Militar, coronel Francisco Batista Torres de Melo, a credencial da corporação n.º 002, expedida em nome de meu amigo e companheiro Inajar Pereira de Souza, recentemente falecido. O coronel pediu que eu entregasse a credencial à família, o que já fiz, e informou que a credencial n.º 002 não será fornecida a mais ninguém: ela terá, sempre, o nome de Inajar.

VI

Recebi do secretário da Segurança Pública, coronel Antônio Erasmo Dias, convite para estar às 19h30 do dia 26 de fevereiro na Capela Nossa Senhora do Sion, para assistir o casamento de sua filha Regina Maria com José Romero Roxo.

VII

Recebi, cartão do delegado Décio Funari Martins e todos os integrantes da sub-região policial de Jundiá votos de "venturoso ano de 1977". Obrigado, Décio. Retribuo os votos formulados.

Percival de Souza



PROGRESSO NA ESPORTIVA

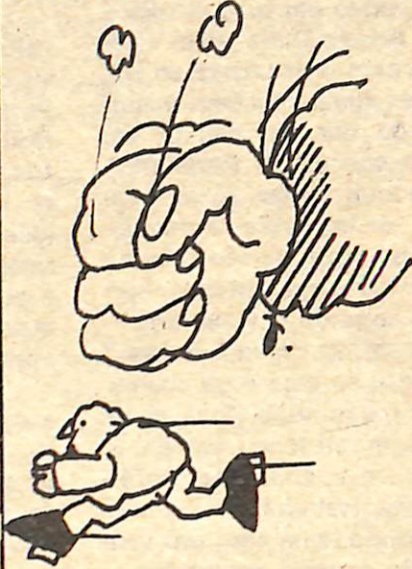
Sr: "Na eleição realizada dia 14 p.p., o resultado foi o seguinte: Votaram: 358, Chapa Progresso: 232 votos; Chapa Oposição: 125 votos; nulo: 1 voto. A Chapa Progresso é formada por Francisco Salles Bueno, Reducino B. Salles Bueno, Antonio Salles Bueno, Sebastião Maia, Moacyr Gaspar de Mello, Jefferson da Pós Domingos Maia, Dangelós Pílons, Antonio Zottini Filho, Alceu Navas Lemes, Milton Veiga Zilocchi, Mauro Pegoraro, Sylvio Castagna, Ailly Ferraz Santos, Amadeu José Consolin, Luiz Carturan, Lidermando A. Ungaretti, Oswaldo Pecchiori, Mauro Spiandorin, Salim Elias Jorge, Nelson Mendonça. **Olívio Gusson**, encarregado da Secretaria.

Obrigado pela informação, sr. Olívio.

CHEGA! CHEGA!

Sr: Venho por meio desta solicitar que (...) tendo em vista o estado da rua Carlos Gomes (...) Pedro Merlin

Olha aqui, sr. Pedro. Vá cantar em outra freguesia. Não fomos nós que inventamos a rua Carlos Gomes, não fomos nós que abrimos os buracos, e nem sequer moramos por perto. Portanto, suma.



POR QUEM SOIS

Sr: A Academia Feminina de Letras e Artes de Jundiá vem agradecer, com muita satisfação, o acolhimento que a Direção desse conceituado órgão de comunicação escrita sempre dispensou às suas promoções programadas, com destaque às reuniões acadêmicas realizadas mensalmente, com a cobertura de fotografias tiradas por repórter fotógrafo desse jornal, bem como os concursos de literatura e artes realizados em nossa Terra. É oportuno externar oficiosamente aqui o compromisso a que esta Academia se propôs, no corrente ano, de continuar incentivando a cul-

tura das letras e artes em nossa cidade e no âmbito da grande Jundiá. Sabe que, para isso, continuará contando com a colaboração incondicional desse apreciado veículo divulgador. Cordialmente". Acadêmica Olga Mathion secretária, Acadêmica Luísa da Silva Rocha Rafael, presidente.

Não seja por isso, senhoras acadêmicas. Estamos à disposição.

ELOGIOS PRA NÓS

Como é bom, salutar e importante conhecer algo ou alguém que o seu limite não é restrito quando na defesa e no trato do bem comum. Somos gratos à divina providência por essa vivência que mantemos, da qual não pretendemos o afastamento, muito ao contrário, desejamos um fortalecimento e unidade atendente aos anseios em reciprocidade.

Nunca nos seja negada essa presença, sim ampliada em todas as oportunidades. **Auçônio Tozetto**.

Falou, **Auçônio**. Nós estamos aqui pra isso mesmo.

HAY GOBIERNO?

Sr: Tendo acompanhado durante todo o ano de 1976 a luta desenvolvida por esse brilhante órgão de imprensa contra os desmandos da administração Ibis Cruz, através de críticas geralmente bem fundamentadas, confesso que aguardava, por parte desse jornal, uma atitude diferente, ao fim dessa administração. Refiro-me, principalmente, à

posição que o jornal adotaria diante do novo prefeito, sr. Pedro Fávoro. Qual não foi a minha surpresa, porém, quando ao folhear um exemplar do n.º 82 desse órgão, verifiquei, na seção "Análise", na página 2, os srs. já estão criticando o prefeito eleito que nem sequer tomou posse ainda. Quer me parecer que o jornal está desvirtuando os seus objetivos, ao partir para uma espécie de oposição sistemática e destrutiva, principalmente ao procurar atingir a figura proba e honesta do sr. Pedro Fávoro, eleito pela maioria da população, descontente, como o Jornal de 2a., com a calamitosa administração que ora finda. Estariam os senhores, afinal de contas, interessados apenas em criticar e denegrir, não importa a quem nem como, só por criticar? Lamento muito que um jornal que tanto admirei, parta agora para uma linha como essa". **Renato Simone Guimarães**.

Sr. Renato: nós é que lamentamos. Lamentamos que o sr. não tenha entendido o espírito de nossa Análise. Não temos nada contra a figura do sr. prefeito eleito, nem a favor, mesmo porque esta não é a missão de um jornal. Estamos apenas atentos ao fazer ou deixam de fazer nossos administradores, os administradores da coisa pública, não nos importa que se cham Pedro ou Paulo. Quando dissemos, em nossa Análise publicada no número passado, que esperávamos uma maior definição por parte do novo prefeito, estávamos querendo dizer apenas isso: esperávamos uma maior definição por parte do

novo prefeito. Isso não é oposição sistemática nem destrutiva. É fiscalizar, uma coisa que os jornais independentes e democráticos costumam fazer muito em países ídem.

LIGAÇÃO ERRADA

Sr: li num jornal desta cidade que..." **Maurício Marinho**

Não foi neste jornal, não senhor. A gente não publica nada contra a moral e os bons costumes. Disque de novo.



TORCEDORA FANÁTICA

Quando li a matéria do Paulista nesta semana, vi uma breve referência sobre uma certa Malvina que estaria organizando uma torcida feminina para o Paulista. Acho muito certa a idéia, mesmo porque, apesar de gostar muito de futebol, é muito difícil ir aos campos porque não são muitas as mulheres. Como eu poderia entrar em contato com ela?" **Mercedes de Oliveira Nunes**

Se a gente soubesse, era fácil dizer, Mercedes. Acontece que mesmo o pessoal da Gamor não tem muitas referências. Ei, dona Malvina, por favor, apareça!

OS BONS IMÓVEIS ESTÃO AQUI

CASAS

Rangel Pestana - Térrea, sala em L, lavabo, jardim de inverno, 3 dormitórios com armários, 2 banheiros sociais, garagem lavanderia, dependência para empregada. Cr\$... 1.300.000,00. **Oferta Central de Imóveis**

Anhangabaú - Fina residência, sala, 3 dormitórios com armários, uma suite, garagem, copa-cozinha, banheiro, salão de festas, dependência para empregada, ótimo acabamento. Cr\$ 700.000,00 **Oferta Central de Imóveis**

Jardim Brasil - Nova, com 3 dormitórios, todos com armário, sendo: 1 tipo suite, banheiro social, sala de estar, sala de jantar, sala de TV, cozinha, 1 comodo para despejo com armário, lavanderia, varanda externa, dependência para empregada, quintal, canil aquecedor central, armários externos, etc. **Oferta Ribeiro**

Parque do Colégio - Jardim frontal, sala, 3 dormitórios com suite e closet, lavabo, copa-cozinha, banheiro social, lavanderia, dependência para empregada, garagem para seis carros. Cr\$ 800.000,00. **Oferta Central de Imóveis**

Centro - Fina residência, parte superior com 3 dormitórios todos com armário, 1 suite, sala para TV, 2 banheiros completos. Parte térrea, sala grande em L com lareira, hall, banheiro social, cozinha tipo Kitechen, com armário, sala de jantar, lavanderia, dependência para empregada, jardim, abrigo para 2 carros, quintal. Cr\$... 1.200.000,00. **Oferta Ribeiro**

Jardim Cica - Fina residência, estilo colonial, nova, com 3 dormitórios todos com armário, 1 suite, banheiro social sala com carpete, sala de jantar, cozinha com armários, lavabo, dependência para empregada, lavanderia, abrigo, jardim, quintal grande. Cr\$... 900.000,00 **Oferta Ribeiro**

SÍTIOS E CHÁCARAS

Mogi-Guaçu - 1.00 m2 fazendo fundos com o Rio, ótimo para pescar, local de muitos peixes, inclusive um bote para pescaria, casa com 3 dormitórios, sala, cozinha, banheiro, toda mobiliada, televisão, jogo de boccie, bilhar, abrigo para 2 carros e diversos pés de frutas, a 300 metros do asfalto. Preço: Cr\$ 300.000,00 de preferência faz permuta com terreno na Vila Arens. **Oferta Ribeiro**

Engordadouro - com 4 alqueires e 3/4, excelente para Clube de Campo, com casa sede, casa para caseiro, nascente, poço artesiano, 2 alqueires de mata, pomar. Preço de ocasião. **Oferta Ribeiro**

Jundiá-Mirim - 22600 m2, plana, luz, água corrente, pomar, ótima topografia, Ape-

nas a 300 metros do asfalto. Cr\$ 700.000,00 **Oferta Ribeiro**

Malota - magnífica chácara, 5.000 m2, entrada majestosa, vivendo estilo "clássico", 3 dormitórios, 1 suite vestíbulo, duas amplas salas, lareira, cozinha moderna e funcional, banheiro, tudo com armários embutidos, carpete, dependência para empregada.

Cr\$ 1.800.000,00 **Oferta Central de Imóveis**

Nova Era - Chácara maravilhosa, 2,5 alqueires excelente vivenda, sala ambiente, 3 amplos dormitórios, 2 banheiros, garagem, piscina com filtro. 20.000 m2 de gramado, pomar, dois lindos lagos, fino trato, casa de caseiro. Cr\$... 2.500.000,00 (1.230) **Oferta Central de Imóveis**

OS BONS CORRETORES ESTÃO AQUI

RIBEIRO IMÓVEIS

administração e venda

rua Mal. Deodoro da Fonseca, 479
tel. 436-6388



CENTRAL DE IMÓVEIS

Rua Barão de Jundiá, 1080
Fone 434-3311

103 contos vão disputar os 3 prêmios do concurso.

Cento e três contos, assinados por noventa e sete pseudônimos estarão concorrendo aos prêmios do "I Concurso de Contos de Jundiá", promovido pelo **Jornal de 2a.** e cujas inscrições encerraram-se sábado passado, dia 15.

Como era de se esperar, a maioria dos concorrentes é da Capital, seguida por jundienses, paulistas de outras cidades e mineiros (estes em maior número, entre os concorrentes de outros Estados). Cariocas, gaúchos, paranaenses e um catarinense completam a centena de contistas que prestigiam o Concurso e que tomaram conhecimento dele através da divulgação dada pelos principais jornais das capitais e grandes cidades do interior.

HAMLET ENTRE ANAGRAMAS

Apenas pela forma como são apresentados os trabalhos, já se pode notar que alguns dos concorrentes têm experiência anterior: o número exato de vias exigido pelo regulamento, o envelope para a posterior identificação absolutamente inviolável revelam essa intimidade com concursos do gênero. Já outra parcela dos contos inscritos não preenche, a rigor, as exigências regulamentadas. Mas, mesmo assim, serão entregues à comissão julgadora, que é quem dará a palavra final sobre a validade ou não da inscrição. Como alguns jornais divulgaram apenas a realização do Concurso, sem entrar em detalhes a respeito do regulamento, acreditamos que a comissão julgadora saberá contornar as pequenas irregularidades desde que não traíam o espírito do Concurso, ou que não deixem dúvida sobre os critérios de classificação.

Uma nota curiosa é gama de truques que envolve os pseudônimos, desde anagramas como **Crisnoé Cipli**, até um saxônico, **Hamlet**, entre heterônimos (**Fulgêncio Antanares**, **Silvestre da Silva**, **Bárbara Eleodora**, **Gil Vicente**) e outras bossas do tipo

Mister Chem, DAM, Eros Fefa, Leonina Capricorniana, Caliostr e uma Deusa das Flores.

LELO-LEI, MARIA NÁ & OUTROS

Apenas a título de curiosidade, apresentamos outros pseudônimos que assinam os contos do nosso Concurso: **Angelus, Gediascé, Berta, Alberto, Rosaly, Maciel Calamares, Peri, Khayyam, Klesse Rasil, Hebreu, Helmano Donaber, Losferato, Gatinha, Manuel Quirino, Anselmo Gomes, Cecília, Mr. Von Alda, Margarida, A. Chaves, Gaivota, Mabel, Emerenciano, Jepiá, Cidy, Clara, Assapeixe, Ternura de Sueca, Aleluia, Karmuzze, Gil Camargo, Cantador, Cunhambebe, Júlio Mariz, Alpha, Piaé, Iara, Kika, Vanessa, Zé Coroa da Silva, Aririnha, Carmecita, Contista, La Salle, Ronega, Magonm, Sabino de Sá, Henrique Márcio, Lalla, Guidus, Sibebe, Luiz, Mervery, Fídias, Virgulino, Realidade, O Sonhador, Ubaense, Pássaro Traído, Gabriel, Exoriba, Marx Tuim, Jutiti Pepena, Sabiá Laranjeiras, Maria Bonita, Sussuarana, Catawana, Siqueira, Renato Aires, Lima Júnior, Gilberto Kinkas Pinim, Shirley, Roberta Denis, João K, Daniela Prado, Sheandoah, Adriana, Reforço.**

OS PRÊMIOS

Aos três primeiros classificados no Concurso de Contos serão conferidos prêmios no valor de Cr\$... 3.000,00 (1.º lugar), Cr\$... 1.500,00 (2.º lugar) e Cr\$... 500,00 (3.º lugar), e seus trabalhos serão publicados pelo **Jornal de 2a.**

A Comissão julgadora, cujos componentes ainda estão sendo convidados, será constituída por sete pessoas, uma das quais será o seu presidente.

Podemos adiantar, ainda, que um escritor e um editor de São Paulo, e uma representante da Academia Feminina de Letra de Jundiá estarão entre os julgadores do Concurso.

A Delegacia de Ensino de Jundiá está comunicando aos interessados que as inscrições para a regência de escolas isoladas estarão abertas de 26 a 31 deste mês, das 13h30 às 17 horas, na sede do Centro do Professorado Paulista, rua Senador Fonseca, 726.

A Delegacia avisa ainda aos professores inscritos que as atribuições de aulas das fases II e III serão realizadas nos seguintes locais e horários: fase II (14 horas) — EEPSPG "Cel. Siqueira de Moraes, Jundiá; EEPSPG "Manuel Euclides de Brito", Itatiba; EEPSPG de Morumbaga; EEPSPG "Jerônimo de Camargo", Jarinu; EEPSPG de Várzea Paulista; EEPSPG "15 de Outubro", Campo Limpo Paulista; EEPSPG "Prof. Joaquim Antonio Ladeira", Louveira; EEPSPG "José Polli", Itupeva.

Fase III — Delegacia de Ensino, dia 2 de fevereiro. Local da sessão de atribuição de aulas: EEPSPG "Cel. Siqueira de Moraes", 8 horas — Português, Francês, Inglês, Matemática, Desenho, Geografia, Estudos Sociais e História, 14 horas — Ciências, Física, Química, Biologia, Educação Artística, Artes Industriais, Artes Plásticas, Psicologia, Sociologia, Educação Física e outras disciplinas.

As pesadas chuvas que desabaram sobre toda a região de São Paulo, na noite do dia 18 até a manhã do dia seguinte, paralisaram a capital durante 12 horas. Em Jundiá, onde não chegou a chover tão forte, surgiu uma rachadura na ponte da Fepasa o que provocou a suspensão do tráfego. A linha 1, que serve os trens no sentido Jundiá-Campinas, cedeu, obrigando a ferrovia a usar somente a linha 2. Na via Anhanguera, o trânsito também ficou bloqueado.

—§—

O Tribunal de Contas da União; ao julgar as contas 76 dos prefeitos, vai punir todos os gastos supérfluos que foram feitos usando os recursos do Fundo de Participação dos Municípios. O presidente do TCU, Glauco Lessa, determinou a aceleração de um esquema de inspeção que deverá abranger cerca de dois mil municípios.

Serão considerados gastos supérfluos: construção, reforma ou ampliação de estádios de futebol, autódromos e fontes luminosas; aplicação em mercado de capitais, inclusive de títulos da dívida pública; despesas com a construção, ampliação, restauração ou manutenção de imóveis destinados à residência do prefeito ou de qual-

quer outro servidor público, exceto as professoras rurais que residam nas instalações das próprias escolas ou de empregados cuja moradia no local de serviço seja imposta pela continuidade do trabalho; despesas com associações sociais e esportivas e com material esportivo; aquisição de instrumentos e/ou manutenção de bandas de música; construção, reforma e/ou manutenção de hotéis, inclusive hotel/escola; subvenção de sede e/ou manutenção de qualquer órgão da administração federal (direta, indireta e fundações); aquisição de veículos para representação de autoridades.

—§—

O senador Franco Montoro afirmou quarta-feira, dia 19, que pretende fazer representação ao Governo Federal solicitando revisão no decreto que institui o recolhimento restituível para a compra da gasolina. Montoro considera a medida inconstitucional e caso a revisão seja negada, deverá haver uma tentativa de bloqueio judicial através de mandado de segurança preventivo ou ação popular.

—§—

Jimmy Carter, 39.º presidente dos Estados Unidos, tomou posse dia 20, ao meio-dia, em Washiton.

ACOUQUE E CASA DE CARNES MARCIO CACEZES
Rua Senador Fonseca, 1032
Entregas à domicílio
Fone 6-4880

COMERCIO DE COUROS
Rua Dr. Torres Neves, 338
Bola futebol n.º 1 — 60,00
Bola futebol n.º 2 — 74,00
Bola futebol n.º 3 — 97,00

DECIO DENARDI

Textos
Desenhos
Logotipos
Cartazes
Comunicação Visual

Rua Dos Bandeirantes, 683
Fone 6-9066 Jundiá

JUNDIAÍ CLÍNICAS



Locais de atendimento

UNIDADE CENTRO
Rua Siqueira Moraes, 242
Fones: 434-1367, 434-1777

UNIDADE VILA ARENS
Rua Frei Caneca, 162
Fones: 436-3260, 436-6704

UNIDADE PRUDENTE
Rua Prudente de Moraes, 1.372
Fone: 434-3998

UNIDADE DE ABREUGRAFIA
Rua Prudente de Moraes, 1.372
Fone: 434-3998

UNIDADE CAMPO LIMPO
Av. Manoel Tavares da Silva, 495
Campo Limpo Paulista

HOSPITAL SANTA RITA DE CÁSSIA
Praça Rotatória s/n.º - J. Messina
Fones: 434-1056, 434-1666

**LEIA E ASSINE
O JORNAL DE 2ª**

fone: 434-8648

Hertane de Campos

ÓTICA MODERNA

Depto. de Lentes de Contato de procedência alemã — Gelatinosas

RUA BARÃO DE JUNDIAÍ, 1012
Fones: 434-7363 — 434-4351

O LABORATÓRIO MAIS COMPLETO DA CIDADE



Decio

ADEUS A IBIS, UM GOVERN

Sem festa e sem foguetes, a cidade está pronta para despedir-se dentro de uma semana, do mais controvertido prefeito que sua história recente registra. O quase desconhecido fiscal de rendas e diretor da Drury's que quatro anos atrás aportou surpreendentemente na política da cidade, elegendo-se prefeito por uma das sublegendas da Arena, está pronto a passar o cargo a seu sucessor, Pedro Fávoro, e provavelmente a lançar-se a vãos mais altos. É conhecida de todos a sua intenção de eleger-se deputado. No rastro de sua tumultuada administração, Ibis deixa à cidade um legado de obras discutíveis e a pesada herança de uma enorme dívida de 400 milhões de cruzeiros, empregados num sistema viário de prioridade discutível, e através de uma concorrência pública sobre cuja lesividade paira até mesmo uma ação popular, correndo na Justiça local. Sua ação política, contestada pela maioria dos membros do diretório da própria Arena, foi marcada por um distanciamento das bases políticas mais tradicionais da cidade, a quem ele dedicou, desde o começo da gestão, a desprezo e indiferença. O Jornal de 2a.-Feira, tentou por reiteradas vezes fazer com que o prefeito que agora chega ao fim de seu mandato debatesse, de maneira democrática, usando as próprias páginas que o contestavam, as acusações que lhe foram feitas. Ele sempre se esquivou, e na semana passada, convidado através de sua assessoria de imprensa, a fazer um balanço de sua administração sob o seu ponto de vista, recusou-se mais uma vez. Nestas duas páginas, o Jornal de 2a., conta um pouco da história dessa tumultuada administração, através de personalidades que lutaram contra o que sempre consideraram como desacertos do administrador Ibis. Faltou a palavra do próprio Ibis, porque ele, mais uma vez, não quis fazer-se ouvir.

NO DIA DA POSSE, VIRGÍLIO COMEÇOU A LUTAR.

Virgílio Torricelli é um homem essencialmente cordato. E foi justamente essa qualidade que o afastou definitivamente do prefeito Ibis Cruz logo no dia da sua posse. A distância aumentou cada vez mais, até que os deixou em trincheiras literalmente opostas, cada um fazendo soar a artilharia que tinha em mãos.

— Nosso primeiro encontro — conta Virgílio — foi no dia da posse de Ibis. Quando eu cheguei na reunião onde estavam todos os vereadores, os membros do diretório da Arena e o prefeito,

o ambiente já estava carregado. Nós percebemos que o prefeito estava disposto a fazer o que bem entendesse.

Para alguém que já tinha sido contador da Prefeitura, diretor da Fazenda, duas vezes diretor administrativo e chefe de Gabinete, diretor administrativo da Câmara Municipal, vice-prefeito e membro da Executiva da Arena, portanto um político, essa atitude foi chocante. Mas, Ibis estava preparando novas estocadas através de seu particular estilo de política:

— Por ocasião do aumento dos impostos — diz Virgílio — tomei partido contra o abuso. O prefeito nem se dignou a estudar nossas objeções.

O golpe definitivo em qualquer tentativa de reconciliação com o partido, o prefeito deu por ocasião da assinatura do contrato do Plano Viário. Virgílio relata:

— Devido às denúncias que circulavam, convoquei o diretório da Arena para um debate. Apareceram todos os vereadores, todos os membros do diretório e o Prefeito. Foi elaborado um relatório que concluiu que o contrato era lesivo para o município. Meu objetivo, como o de quase todos os membros do partido, era o de chamar a atenção do prefeito por causa do contrato mal feito. Não éramos contra as obras em si. Seria preciso rescindir o contrato. Mas Ibis se retirou antes de ouvir a denúncia do relatório. Depois disso, vi que não tinha mais jeito.

A partir desse incidente, Virgílio diz que “embarcamos na equipe do Jornal de 2a.”, onde escreveu uma série de requerimentos como se fosse um vereador solicitando informações:

— Os requerimentos foram a fórmula para denunciar inúmeras irregularidades das quais nem todas tínhamos provas por falta de acesso às informações. Elas se confirmaram por causa do silêncio do prefeito.

Aos 60 anos, Virgílio é o diretor financeiro do Credit-Rei e ele diz que nunca precisou brigar com ninguém. Mas, nessa administração não foi possível:

— Quando cheguei a conversar com o prefeito, havia pedido para que ele cumprisse a promessa que havia feito ao seu vice, Flávio Ceolin, de uma oportunidade de ocupar o gabinete. Na época da inscrição das chapas, Ibis disse que não haveria problema, porque inclusive já tinha viagem marcada para a Europa. Na ocasião de cobrar a promessa, ele falou para mim: se você que quer, eu não dou. Em resposta, falei que se ele não cumprisse a palavra dada é porque não prestava.

Quem conhece Virgílio pessoalmente sabe de sua vocação apaziguadora. Só que

nesta vez não houve condições de qualquer espécie de acordo. E ele foi obrigado a encarar uma dura política pela primeira vez.

ABDORAL, EM DEFESA DA INDEPENDÊNCIA.

Procurando ser impessoal em seus discursos contra a atual administração, Abdoral Lins de Alencar, líder da bancada do MDB na Câmara, prefere deixar bem claro que sua posição sempre foi em função de um poder que ele representa: “antes de ser eleito, eu já tinha uma relativa amizade com o prefeito, hoje nos cumprimentamos, ele sempre me manda cartão de Natal, e nós até conversamos, embora os diálogos nunca envolvam política”.

No início da atual gestão, Abdoral diz que esperava de Ibis um administrador com uma visão bem ampla, baseando-se em conversas em que ele demonstrava capacidade administrativa — e ele acrescenta: “O que ficou patente é que realmente ele deu demonstração de uma enorme capacidade de levantar fundos. Mas, a meu ver, ficou muito a desejar na parte de aplicação desses fundos, pela falta de ordem na execução das obras, tendo em vista as prioridades.

Uma administração improvisada, visando sempre interesses pessoais — é assim que Abdoral define o governo de Ibis:

— Isso é latente, veja esse asfalto parcelado: é o caso da av. Córrego do Mato que não está terminada: é o caso da Radial Leste que também não se concluiu; e é o caso do asfaltamento das ruas centrais onde ficaram pedaços por terminar.

Alguns dos projetos que Abdoral diz ter criticado mais foram as doações de áreas municipais a entidades (principalmente religiosas).

A falta de concorrência pública também foi um dos pontos combatidos por Abdoral:

“Foram feitos contratos sem nenhuma consulta a empresa especializada — é o caso da G. Sampaio, da Sotaffe. A construtora de caixas d'água também não deu resultados: a maioria das caixas não foi terminada, algumas estão rachadas, outras ainda não receberam água, enfim, estão inutilizadas. O último contrato, amplamente alardeado, foi o de combater os ratos. Parece que a firma levou o dinheiro e os ratos ficaram.

Agora, o ponto que Abdoral considerou mais crítico nessa administração foi o envolvimento da Câmara — “como se fosse um simples departamento da prefeitura”. Abdoral garante que da parte dele nunca houve

“pedidos” para racuitar a votação de algum projeto, mas embora tenha conhecimento de casos em que isso aconteceu, prefere não falar “para não criar problema agora, no fim da gestão:

— Talvez ele tenha percebido que a minha posição dentro da Câmara já era bem definida. Sei apenas de reuniões em que o prefeito convocava a bancada da Arena em seu Gabinete e outras em que ele convidava a todos — mas eu nunca compareci. Do meu relacionamento com os demais vereadores, eu tenho a dizer que foi muito bom, com exceção do sr. Rolando Girola, com quem não consegui ter o menor relacionamento devido à sua posição.

Como político, Abdoral acha que Ibis administrou visando o futuro, e completa — “pensou muito na sua provável candidatura a deputado federal”.

PARA TRALDI UMA OPOSIÇÃO TÉCNICA.

O engenheiro-agrônomo Alberto Traldi está entre os que se opuseram publicamente à administração Ibis Cruz, chegando até a participar da comissão de engenheiros que esteve em Brasília tentando alertar algumas autoridades federais a respeito do absurdo empréstimo de 128,5 milhões “para obras de combate à mortalidade infantil” — segundo a justificativa da prefeitura — mas, na realidade, para dar seguimento às obras do Sistema Viário, a mais discutível prioridade executada através da mais absurda concorrência pública jamais vista em Jundiá.

“O afastamento de excelentes técnicos de cargos importantes da administração, logo no início da gestão Ibis Cruz”, foi o primeiro fato que colocou Alberto Traldi e outras pessoas da cidade em alerta contra o futuro do governo municipal. “Gente boa, como Antônio Fernandes Panizza, Igar Fher, Ruy Luiz Chaves foram pressionados até serem obrigados a deixar seus importantes cargos”, diz Traldi. “E, a partir daí, todo o planejamento urbano começou a ser executado por estranhos.

“Além disso — prossegue Traldi — começamos a analisar a concorrência do Sistema Viário — a maneira como foi feita, os números apresentados pela vencedora em relação às outras concorrentes, e sentimos que era hora de alertar a opinião pública”.

Simultaneamente, Alberto Traldi, pelas relações que mantém com a classe médica, ouvia “as queixas constantes contra a destruição sistemática do Hospital São Vicente. Foi quando decidi entrar



Virgílio Torricelli, Alencar, Alberto Traldi, quatro faces de uma

na defesa da cidade, juntamente com outros companheiros”.

Traldi escreveu artigos para o “Jornal da Jundiá” e, mais tarde, para o Jornal de 2a.. “Mas sempre fazendo uma oposição técnica, não política. Até porque eu era filiado à Arena” (partido de Ibis). Como o engenheiro se converteu em articulista? “Premido pelas circunstâncias. A imprensa era o meio de comunicação mais eficiente para tentar sensibilizar a opinião pública, já que estava em jogo o interesse da cidade”, explica Alberto Traldi.

“Foi uma atitude perfeitamente válida. E teve grande influência no resultado eleitoral”.

A afirmativa de Traldi dá a entender que ele esteja contente com a eleição de Pedro Fávoro? “Tenho muita confiança na honestidade de Pedro Fávoro, é apenas isso. Tive contatos com ele quando fui diretor da Telefônica Jundiá e ele prefeito. Sempre foi um homem muito criterioso”.

E se Pedro Fávoro, premido por circunstâncias alheias à sua pura e simples decisão, se vir forçado a continuar as obras discutíveis da administração Cruz?

Alberto Traldi não vacila: “Voltaremos à luta, principalmente no sentido de alertar, a ele e à população”.

Alberto Traldi é um dos

subscritores u
Popular que se
da contra Ibi
Cruz
tiça. “Acred
qu
nel
Poplar seja
legal da pop
festar contr
administraç
Quando
resultados d
sempre dem
to de uma
Talvez leve
informa o agr
Três anos
mais para in
Cruz pleitei
consiga —
Legislativo
para ver.

SIMÃO LUTA E V

A part
que alguns
pública tom
to do que
concorrênc
do Sistema
tiveram int
mais rigor
o prefeito
dando ao
lade.
Como
corrência f
tro dos lim
gais de temp
mento das
das, foi pre
favorecer
as três únic
correntes, f
insólita com

...NO DE TRISTES MEMÓRIAS.



...li, Abdoral Lins de ...raldi, Ariovaldo Alves: ...e uma mesma luta.

vez o mais mordaz, o mais irônico e, por isso mesmo, o que mais marcou a luta contra Ibis.

Num cantinho da página 2 do *Jornal de 2a.*, Simão e seu "Canto Chorado" criaram neologismos que definiram, melhor do que ninguém, os principais desmandos praticados por Ibis Cruz contra o erário público.

Com expressões do tipo "mamar nas magras tetas de Petronilha", Simão definia a voracidade do grupo favorito do prefeito contra os cofres municipais. Através de denominações como "chupetas", e "miningildos", o crítico acabou batizando os assessores e vereadores que estiveram a serviço do todo-poderoso chefe Cruz.

Simão despediu-se da luta logo após as eleições municipais, falando através de versinhos seu melodramático "tchau":

"Sem toques de clarim
Sem rufos de tambor
Vou-me afinal
Adeus, amigo
Good bye, leitor
Tchau, pessoal"

O FUTURO SEM IBIS, NA VISÃO DE ARIOVALDO.

A partir do momento em que o prefeito Ibis Cruz entrou na campanha sucessória municipal, definindo seu candidato Dr. Arnaldo Reis como um seguidor de sua administração ("Você decide: Jundiá continua ou para?"), foi o tema da campanha, um outro escalão de opositores lançou-se contra ele. Eram os candidatos aos novos cargos eletivos, inclusive vereadores.

Entre esses combatentes de campanha estava o vereador eleito Ariovaldo Alves, o mais jovem participante da nova Câmara.

Ele se considera um dos homens que ajudaram a impedir a continuidade administrativa?

"Sob certo aspecto, sim, apesar de ter lutado por pouco tempo contra ela. Durante minha campanha eleitoral, ajudei a divulgar e a combater os desmandos que o prefeito Ibis Cruz vinha praticando contra a cidade", responde o vereador eleito.

Sabemos, mesmo, que Ariovaldo Alves foi um dos mais combativos candidatos, durante a campanha eleitoral. Vencido Ibis, fica a pergunta: Ariovaldo Alves será menos combativo frente à administração que assume agora? "Não se trata de colocar em termos de menor ou maior combate. Eu tenho uma linha de pensamento e vou seguir essa linha. Se o sr. Pedro Fávoro for contra ela, vou combatê-lo como fiz com o sr. Ibis", adianta Ariovaldo Alves. "Por outro lado, seria ridículo combater

o sr. Fávoro em coisas que iriam beneficiar a coletividade:

Como estamos às vésperas da posse, fizemos ao leitor a pergunta: alguma notícia sobre a nova Câmara? A mesa? As comissões? Segundo o "Jornal de Jundiá" a Arena permitiria negociações com o MDB para a participação deste partido na mesa e nas comissões. É verdade?

Realmente, o presidente da Arena, sr. Rubens de Lucca, procurou nosso líder, Tarcísio Germano de Lemos, para negociações. Ficou estabelecido que participaremos da mesa e das comissões" diz Ariovaldo Alves.

Em troca de algum apoio ou concessão?

"Eu não colocaria a questão bem assim. Diria que foi uma troca de proposições", afirmou o vereador. Perguntado sobre que cargos o MDB ocupará, Ariovaldo disse que "ainda é cedo para adiantar qualquer coisa", já que "estamos ainda em fase de negociações".

Contra o governo Cruz, a oposição conseguiu muito pouco, por ser minoria. Na futura gestão, o MDB ainda será minoria. O quadro irá se repetir?

— Eu pretendo levantar na Câmara problemas básicos da cidade. Assim sendo, espero contar com a colaboração do novo prefeito. Não acredito que ele fique insensível diante de problemas como saúde pública, lazer, educação, habitação. Na questão da Saúde, por exemplo, veja o caso das Unidades de Saúde. Ou, mais especificamente, a Unidade de Vila Hortolândia, onde o Centro Comunitário do bairro ofereceu instalações gratuitamente, com acomodações e até telefone para que o sr. Ibis Cruz ali instalasse a unidade. No entanto, ele optou por alugar uma casa, em frente ao Centro Comunitário, aumentando os custos da instalação e deixando de considerar um fato importante: a estrutura social do bairro está muito ligada ao Centro Comunitário, dado que ajudaria na implantação do serviço médico. A casa alugada pela prefeitura não tem telefone. Resultado, a Unidade de Saúde usa o telefone do Centro, ou da casa paróquial do bairro, quando o Centro está fechado. Ora, a prefeitura paga, segundo sei, cerca de 2 mil cruzeiros de aluguel pela casa da Unidade. Isso causa um "custo de oportunidade" condenável em administração, ou seja, o município deixa de economizar 2 mil cruzeiros que poderiam ser aplicados em outro benefício. Esgoto, por exemplo. Assim, o "custo de oportunidade" gera um "custo social" e a população acaba sempre perdendo" concluiu o vereador.

UM HOMEM QUE NÃO MEDE AS PALAVRAS.

Quem já esteve a mercê de um ataque pessoal do prefeito Ibis Cruz conhece o estilo violento de sua oratória, que dificilmente admite qualquer interrupção. Ele é um homem que, provocado, não mede as palavras para tripudiar sobre qualquer adversário, sujeito a sair humilhado por uma saraivada impiedosa de ofensas.

Na verdade, todo o tempo da administração Ibis Cruz esteve entrecortado por intempestivos discursos e ações inesperadas por parte de um político. Mas o prefeito nunca se preocupou com isso, pelo contrário, sempre que pôde desprezou os políticos locais para, em outros lugares (como Brasília e São Paulo) curvar-se respeitosa-

mente. Para começar, Ibis indispsôs-se com seu partido, a Arena, logo no dia de sua posse, recusando categoricamente a oferta de colaboração que os seus companheiros haviam feito. Aliás, os mesmos companheiros que tinham possibilitado a sua eleição, um tanto conturbada, para o cargo.

Devido à série de atos "dinâmicos e corajosos" de sua administração, o "Jornal de Jundiá" se colocou frontalmente contra. Cerca de um ano após sua posse, houve uma reunião do prefeito com moradores do bairro do Traviú. Um repórter do JJ foi para lá enviado (justamente este que vos fala) e sentou-se comodamente em uma das primeiras fileiras.

É claro que a posição do jornal contra o prefeito não poderia ficar impune. E Ibis, sem pestanejar, passou à ofensiva, descarregando toda sua ira no pobre repórter que tudo ouviu, anotou e escreveu na edição seguinte.

Ainda no "front" Ibis-JJ, houve um debate, levado ao ar pela Rádio Difusora, entre Tobias Muzaiel, dono do jornal, e o prefeito. O estúdio da emissora estava lotado enquanto os adversários debatiam problemas da cidade e questões pessoais.

Não se sabe ainda quem foi o grande vencedor naquela noite, mas vagou pelo ar, em muitos quilohertz, a grosseria de ambas as partes, apelando para fatos que nada tinham a ver com a administração da cidade ou com a linha editorial do jornal. Enfim, e isto é um fato bastante significativo, pouco depois, resolvido o atribulado caso da concorrência entre os dois diários locais, o JJ passou a publicar os Atos Oficiais e silenciou a antiga e salutar oposição.

Mas essa não foi a última vez que, praticamente

em público, o prefeito fez uso de seus "maus bofes" para se defender e atacar seus adversários. Numa entrevista coletiva, concedida no dia 22 de maio do ano passado, ele iria explicar o empréstimo autorizado pelo Senado, mas preferiu trilhar os escusos caminhos de ataques pessoais, denúncias e desafios, bem de acordo com suas ações anteriores.

O prefeito chamou Francisco Oliva de "picareta do loteamento", colocou a seriedade de Marino Mazzei em dúvida e discutiu a competência, como empresário, de José Duarte Paes. O que tinha tudo isso a ver com o caso? Nada, esses cidadãos eram apenas contrários à forma como foram feitos os negócios para a construção do Sistema Viário e os empréstimos conseguidos. Nessa entrevista, Ibis falou:

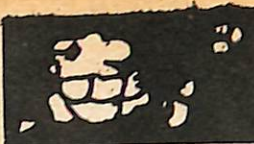
Posso adiantar que virá até o final do ano, uma comissão de senadores visitar a nossa cidade porque eles mesmos dizem aonde se vê tanto ódio, aonde se vê tanta guerra, alguma coisa de importante aconteceu.

Bem, a tal visita dos senadores não aconteceu e o ódio por ele citado deveria ser vencido pela compreensão e amor do povo. O candidato dele não venceu as eleições e até hoje permanece desconhecido o autor dos disparos que matou um dos guardas de sua residência. Apesar de todas as características de um crime comum, Ibis não teve escrúpulos ao acusar verbalmente alguns de seus adversários de serem os mandantes do assassinato. Não escapou a isso nem um dos que foi até sua casa, na noite do incidente, para ver se podia prestar alguma ajuda naquele momento.

E foi um homem assim, intransigente, violento, que governou durante quatro anos esta cidade. Não bastasse já o longo rosário de atitudes condenáveis, Ibis, nas proximidades das eleições, invadiu a casa de um funcionário da prefeitura para ameaçá-lo porque tinha feito perguntas embaraçosas durante um comício dos candidatos por ele apoiados.

No meio da noite, o prefeito entrou na residência e, diante de uma mulher, uma criança e o autor das perguntas, fez várias ameaças. Com o mesmo furor, ele deve ter calado muito mais pessoas e enfrentou outras tantas. Dizem os círculos políticos, que Ibis pretende concorrer a deputado (estadual ou federal) nas próximas eleições. Interessa a algum eleitor votar num homem desse gênero, cujo progresso que diz ter trazido é ilusório, e com atitudes biliosas demais para qualquer pessoa normal, sobretudo um político?

Carlos Kazuo Inoue



Os homens que querem fazer do Jundiaí um grande clube

AQUI, OS PLANOS DO JUNDIAÍ FC PARA A CAMPANHA DESTE ANO NA 2a. DIVISÃO E OS SONHOS FRUSTRADOS DO ZARAGATA, QUE TAMBÉM ESTAVA PRETENDENDO JOGAR NESSE CAMPEONATO. NA PÁGINA SEGUINTE, ANTIGOS CAMPEÕES LOCAIS.

Esqueçam aquele Jundiaí Futebol Clube que participou do Campeonato da Segunda Divisão em 76: aquele time vai ser substituído por outro, bem melhor, e os sócios do Jundiaí serão beneficiados com outras atrações recreativas, além do futebol.

É o que garatem os dirigentes do clube, motivados pelas mudanças de começo de ano. As melhorias estão nos planos da nova diretoria, presidida por Urubatan Salles Palhares e da qual também fazem parte Lázaro de Almeida (vice-presidente), Roberto Munhoz (secretário), Américo Balbuio, (chefe do Departamento Médico).

Fundado em 1974 por um grupo liderado por Eliézer Prado (ex-jogador do Ipiranga de São Paulo e do América de Joinville, ex-técnico do São Bento de Sorocaba, "ex-olheiro do Jabquara e do Santos", atual presidente do Conselho Deliberativo e administrador do clube), o Jundiaí fez uma péssima campanha no último campeonato da Segunda Divisão de Profissionais, levando goleadas que seus maiores incentivadores preferem esquecer logo. Por exemplo: perguntem a Ismael Buzetto

(técnico e presidente em exercício até o final do ano) se ele quer contar alguma coisa sobre a campanha do seu time em 76. Sua resposta:

Deixa isso pra lá, vamos falar do futuro do clube. Com um pouco de insistência, ele acaba concordando em contar algo sobre o passado do Jundiaí:

A campanha que vinhamos realizando era no sentido de conscientização e simpatização da torcida. Mesmo que haja derrota, o torcedor deve sempre retor-

nar ao campo. O importante é competir.

Até o final do ano passado, o Jundiaí F.C. tinha 420 sócios de diversas categorias, pagando de 10 a 500 cruzeiros mensais e concorrendo a prêmios. Andou promovendo reuniões, dando churrascos e o torcedor que acompanhava o time nas partidas fora de Jundiaí recebia condução e refeição de graça.

Mas por que o fracasso no campeonato? Ismael volta a falar:

— O time contava com o apoio quase que apenas de operários, mas agora estamos nos entrosando com a alta cúpula da sociedade, o que irá diminuir os problemas financeiros. No ano passado, gastamos noventa e sete mil cruzeiros, sem salários absurdos, apenas com despesas de refeições e prêmios de vitórias. Em 77, de acordo com os planos de Urubatan, deveremos arrecadar cerca de cinquenta mil por mês.

Outro problema que o Jundiaí F.C. enfrentou no ano passado, segundo Ismael, pai de um dos jogadores (Tigrão): o time de futebol tinha apenas jogadores jovens, sem experiência, e deses "não se pode exigir muito"

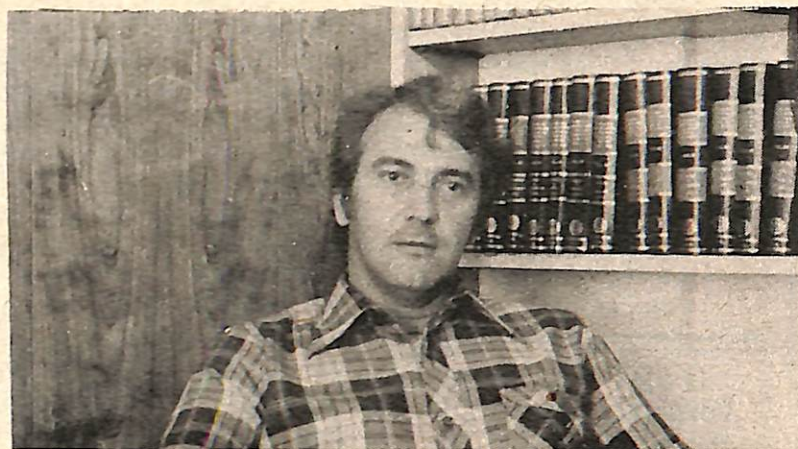
Urubatan quer ver o time na Especial.

O fato de achar que o futebol profissional está morrendo na cidade foi o que encorajou o advogado Urubatan Salles Palhares a assumir a presidência do Jundiaí FC, dia 21. Ele, um dos ex-presidentes do Paulista, quer dar a sua ajuda:

— O Paulista está sossegado, numa situação muito cômoda, justamente por ser o único time de Jundiaí. Se existirem dois disputando no mesmo pé de igualdade, isso será benéfico para ambos, acaba o sossego.

Neste ano, o Jundiaí está inscrito na 2a. Divisão e, conforme os resultados que obtiver, poderá disputar na Divisão Especial em 1978. Para isso, os planos do presidente Urubatan são as seguintes:

— Vamos fazer campanhas para adquirir três tipos



Urubatan: muitos planos.

de arrecadação: de sócio especial, diretor benemérito e o contribuinte através de carnês. Por enquanto estamos com uma sede provisória, na rua Alcino Ladeira, depois de nos organizarmos lá dentro (problemas de campo, etc) e resolvermos os problemas financeiros, é que construiremos uma sede própria.

Há mais planos para fazer o Jundiaí passar para a Especial e conseguir se manter nela:

— Estamos arranjando uma porção de pessoas de projeção que tenham vontade de desenvolver uma condição financeira capaz de estruturar bem o clube e de melhorar o plantel atual.

O Zaragata também sonha com a 2.a Divisão

Numa pequena casa alugada na rua Líbia, 273, estavam sendo traçados planos para que um outro clube de Jundiaí passasse a disputar o Campeonato da Segunda Divisão de Profissionais — o Zaragata. Começava-se uma campanha com o objetivo de conseguir mil sócios que colaborassem com cinquenta cruzeiros mensais, dependendo dos resultados o Zaragata disputaria a Segunda Divisão este ano.

Desde o início, o presidente Hélio Vendrame achava que seria difícil levantar essa verba. E deu um exemplo: em um mês de trabalho, o clube conseguiu só 142 sócios. Como o campeonato começará em março e não há nem verbas, nem uma equipe preparada, os dirigentes desistiram da inscrição.

No momento, o Zaragata — ou Zara, como seus

torcedores preferem chamá-lo — tem 19 jogadores: Wanderlei, Camargo, Miro, Teba, Claudinho, Carlinhos, Luís Nagata, Luizinho, Paulinho, Geraldino, Pedrinho, Pitanha, Waldir, Baby, Tadei e Cláudio. Caso o clube dispute a Segunda Divisão, a idéia é formar uma espécie de seleção amadora, e os critérios para a escolha dos jogadores ficaria a cargo do técnico Nivaldo Pollini.

QUEIXAS

O clube tem muitas queixas a fazer. Entre elas, a falta de campos na cidade, como diz o diretor de esportes Ângelo Benatti Netto:

— O campo da Vila Rio Branco é péssimo, cheio de problemas, o gramado do Dal Santo é péssimo, o da Vila Rami também não dá condições.

Para Hélio e Ângelo, em vez da Prefeitura gastar verbas com compra de material e aluguel de campos, deveria ceder terrenos para os clubes:

— A partir daí seríamos incentivados. Arrumaríamos verba para a construção, faríamos mais campanhas, etc., pois o clube que não tem patrimônio não sobrevive. Tivemos muitos exemplos em Jundiaí.

Hélio lembra que o prefeito atual prometeu um terreno ao Zaragata, desde setembro passado, mas, até agora, nada. O time conseguiu um único título (Campeão Amador da Cidade, em 1974) e vem disputando o campeonato amador de Jundiaí há sete anos. Em 1976, o Zaragata ficou em terceiro lugar.

Mas por que esse nome — Zaragata?

Segundo Hélio, tudo começou com uma brincadeira:

— Umãs pessoas se reuniram no bar do Amílio e faziam amistosos, sempre com material emprestado, até que acabaram resolvendo formar um time.

Foi Ângelo que resolveu dar o nome:

— É diferente, ninguém tem igual (Zaragata quer dizer folia, bagunça, e o nome foi descoberto por acaso, no dicionário). A cor da camisa também é diferente (verde, azul e branco), e o símbolo é um fantasma.

Hélio Vendrame é presidente reeleito pela terceira vez pelo Conselho; nascido em Quintana, mora em Jundiaí há dezessete anos e é vendedor de móveis. Nivaldo Pollini, o atual técnico, já foi jogador do Comercial, do Paulista e do próprio Zaragata. Plínio Vicente da Silva é o supervisor de esportes e Ângelo Benatti o diretor de esportes.



Hélio: sonho frustrado.



Quem não se lembra do Promeca, o Dragão de Ouro?

Robertinho, Roquinho, Ivã, Português, Martinelli, Alcir, Tita, Geraldo, Azzoni, Biguá, João Pintado, Ilson, Almeida, Becatti, Ditinho, Rubinho, Avelino... ah, que pena que esse time acabou por falta de verbas. Os velhos torcedores do Promeca contam hoje as proezas desse time que foi campeão invicto da cidade, campeão da Taça Cidade de Jundiaí, vice-campeão da Terceira Divisão de Profissionais.

Foi com esse título de vice-campeão da Terceira Divisão que o Promeca subiu para a Segunda Divisão, em 1963, num tempo em que o futebol em Jundiaí tinha muito mais vida. A Associação Esportiva Promeca conseguiu êxito graças ao apoio dado pela fábrica do mesmo nome. A Promeca financiou todos os gastos com deslocações, ônibus e hotéis, e, com lembra Roque Dias Filho, um jogador daquele time, as campanhas sempre foram boas.

Mesmo na categoria de amador o Promeca — também chamado de “Dragão de Ouro” — disputava partidas amistosas com equipes da Segunda e da Terceira Divisões.

Roquinho lembra que, depois de ter conseguido o “terceiro ou quarto lugar” na Segunda Divisão, o Promeca deixou de existir, por causa do corte de verbas feito pela firma. Mas de uma alegria ninguém — dos que passaram pelo clube — consegue esquecer: foi quando o time subiu para a Segunda Divisão, depois de ganhar do Santa Bárbara por 2 a 1.



Acima, Roquinho. Ao lado, ele é o último da direita, em pé, na foto superior. Na inferior, nas páginas da Gazeta Ilustrada.



E do Ipiranga, de Roque, Bonassi, Tito e Barretinha?

A Associação Atlética Ipiranga foi um caso especial no profissionalismo: passou para a Segunda Divisão sem ter disputado o Campeonato da Terceira, isso por causa da amizade do clube com o então presidente da Federação Paulista de Futebol, João Mendonça Falcão.

Foi em 1965. Lázaro de Almeida, Luiz De Mattei e Tolmino Fabrício, entre outros, lutaram muito para que o clube disputasse a Segunda Divisão, e essa entrada para o profissionalismo foi num amistoso com o XV de Piracicaba — foi, também, a despedida de Gastão, jogador do XV. Nesse dia João Mendonça Falcão achou que o clube tinha condições de disputar o Campeonato da Segunda Divisão. Na época, os jogadores eram Tito (goleiro), Aroaldo Barros, Neves, Tita, Jacó, Kazuo, Zezinho Walter, Sudã, Barretinha, Roque e Bonassi, entre outros.

E a campanha até que foi

boa, considerando-se ser o Ipiranga um estreante no profissionalismo. Quarto ou quinto lugar (seus diretores não conseguem lembrar direito). Os técnicos que passaram pelo clube nessa fase Belmiro (ex-jogador do Palmeiras), Oswaldô e Rodrigues.

O Ipiranga chegou a ganhar o título de tricampeão amador de Jundiaí, em 1960, ganhando até do Paulista, mas tudo isso acabou na gestão de Nahim Kachan. O clube não continuou disputando a Segunda Divisão por causa de problemas financeiros. Um problema que todo clube enfrenta, quando disputa o profissionalismo, lembra Lázaro de Almeida.

E por que não voltar ao profissionalismo agora? Não, os diretores do Ipiranga não querem isso, e tem um argumento decisivo: tudo o que o clube conseguiu até agora foi depois do fim de duas atividades no futebol profissional.



Lázaro de Almeida

— Hoje — conta De Mattei, diretor de Promoções — se quiséssemos, teríamos condições de voltar para o futebol amador, não profissional. Temos um bom patrimônio, mas por enquanto não é de interesse do clube.



Este é o famoso Ipiranga, na época, o campeão.



XICA DA SILVA, UM NOVO CAMINHO?

Xica da Silva, de Carlos Diegues, com Zezé Motta e Walmor Chagas.

1) Parece ser a sorte do cinema brasileiro, ser reconhecido antes no estrangeiro do que no próprio Brasil. Porque se é verdade que Xica da Silva está longe de ser uma obra prima, também em nada justifica a tempestade de insultos com que a crítica nacional o recebeu.

É verdade que no recente Festival de Paris, realizado entre 13 e 20 de novembro, o filme de Carlos Diegues não chegou a brilhar, o que não chega a ser uma vergonha: neste festival estavam sendo lançados os últimos filmes de diretores tão prestigiados quanto Herzog, Fassbinder e Elio Petri. De qualquer maneira a maior parte da crítica francesa não deixou de notar qualidades nesta comédia onde pela primeira vez Carlos Diegues conseguiu estabelecer uma relação empática com um público mais amplo, seja no Brasil seja na França.

2) Ninguém desconhece a importância de um êxito comercial para um cinema que, como o brasileiro, enfrenta dia a dia uma violenta concorrência por parte do filme estrangeiro. Tanto melhor se esse êxito retoma um tema cultural importante como a da luta de uma originalidade que corroi a ideologia estrangeira estabelecida. Xica da Silva, a personagem, se alinha nesta tradição que, de Oswald de Andrade a Chacrinha tem revertido esta expectativa de "seriedade" e culto das profundezas que por tanto tempo (e até hoje) foi o sinal de nossa submissão aos padrões importados.

3) É quase uma tradição que os críticos e os espectadores mais atentos se preocupem em encontrar em tal ou tal filme uma "saída para o cinema nacional", como se uma certa tendência ou uma maneira particular de fazer e ver filmes pudessem dar conta de uma realidade completamente complicada. Essa ansiedade em relação ao filme brasileiro acaba por criar uma armadilha: de um lado espera-se tudo de um filme, de outro adquirimos o costume de negá-lo totalmente desde que ele decepcione apenas uma de nossas expectativas. Talvez por estar vinculada em suas origens - Cinema Novo - a problemas de ordem sociológica, nossa cinematografia acaba por ser frequentemente condenada por falta de "conteúdo social". E o espectador, acomodado a saudar cada novo filme de Glauber, Diegues, Nelson Pereira dos Santos, acaba por vezes esquecendo que o filme é ele também e entre outras coisas um fenômeno social. Que ele é tão real quanto o mundo representado na tela: qualquer coisa a ser vista e pensada fora dos limites de seu próprio específico.

Bom ou mau, mais ou menos importante, Xica da Silva não salva nem emperra e não empurra o cinema brasileiro mais ou menos do que os outros filmes. Em todo caso, sua presença se marca na comparação que entre ela e

outras fitas possa-se fazer. Este trabalho só interessa e só pode ser feito no Brasil.

4) Macunaima em 1970, Tôda Nudez em 1974, Xica da Silva em 76. Isto significa que os cineastas mais "cultos" começam a entrar em contato com a experiência de uma faixa da população mais ampla, que em vez de se endereçarem as pequenas platéias intelectuais como nos anos 60, esses cineastas apropriam-se do repertório largamente popular da pornochanchada para concorrer com a pornochanchada. Que se olhe para trás, não é difícil ver a extensão do caminho percorrido apesar de todos os obstáculos: nos anos 60, o Cinema Novo sem qualquer proteção legal surgia para se opor às superproduções estrangeiras, num mercado em que naquele momento o filme nacional era de inteiro ignorado.

5) Xica da Silva não é um grande filme. Não é em todo caso um desses filmes que marcam época, assinalam uma transição ou uma revisão nos métodos de produção e leitura do filme. Há que se lembrar nesse caso que raramente se faz mais de uma revolução na vida, que o fato de ter participado do Cinema Novo é no mínimo marcante na carreira de Diegues e que a obrigação de introduzir uma nova estética pertence a cineastas mais novos. Salvo raras exceções isto é o que acontece como regra no mundo todo, por isso é até certo ponto estranho que a Embrafilme insista em representar o Brasil em quase todos os festivais através de uma estética em seus dados básicos conhecida há mais de 15 anos pelos europeus. Em troca, todos os cineastas brasileiros capazes de oferecer uma alternativa a essa escola que se não perdeu a validade perdeu pelo menos o impacto, são barrados mesmos nos festivais nacionais, nos planos de financiamentos da Embrafilme e por vezes até na concessão do Certificado de Filme Brasileiro. Isto vale para Candeias, Bressane, Tonacci, Reichembach, Sganzerla e vários outros que acrescentaram alguma coisa ao cinema brasileiro após 68 e que representariam alguma novidade a mostrar no exterior. Esta remarca, porque como se sabe a crítica estrangeira desempenha ainda um papel mítico no Brasil e pode nessa medida ser considerada importante para o desenvolvimento de nosso cinema.

6) A comédia e o deboche, esta espécie de "chega pra lá" que Xica da Silva dá no convencional, a anarquia que se estabelece no seio mesmo do sistema, é o que de mais marcante deixa este filme, e o que constitui um desvio de rota de Carlos Diegues em relação a seus últimos filmes ultra-sérios, (Os Herdeiros e Joanna a Francesa). Aqui, o cinema responde com atualidade a questões atuais, como o sexo, o poder, a repressão. O público ri e se diverte, enquanto saúda uma maneira nova e intrigante de estar entre as coisas.

Inácio Araujo (de Paris, via Varig)



Quatro dias para você ver como foi a Operação Entebbe

Dos seis filmes programados para esta semana, nos cinemas de Jundiá, a principal novidade é "Vitória em Entebbe", sucesso de bilheteria garantido (e olhem que o "Jornal Nacional" já contou o final). Fora isso, continuam "O Trapalhão no Planalto dos Macacos" e "Confissões Íntimas de um Presídio Feminino"; entram "Quando o Sexo é Loucura", "Fogo na Torre" e "O Sexualista". Lápis e papel na mão? Então vamos lá:

O Trapalhão no Planalto dos Macacos - Até o dia 26, no Marabá. Renato Aragão, Dedé Santana e Mussum caem no Planalto dos Macacos, ao fazerem uma viagem de balão. Se você quiser ir, o problema (aliás, o dinheiro) é seu.

Vitória em Entebbe - De 27 a 30, no Marabá. É a primeira versão cinematográfica da operação no aeroporto de Entebbe, na Uganda, ocorrida em junho passado. O resultado não poderia ter sido pior: incontáveis clichês, situações banais e apelativas, além de interpretações desastrosas. Aliás, o filme todo é um lamentável equívoco (opinião de Adi Amin, presidente de Uganda). Com Burt

Lancarster, Richard Dreyfus, Linda Blair, Helmut Berger, Kirk Douglas e Anthony Hopkins.

Confissões Íntimas de Um Presídio Feminino - Numa penitenciária de mulheres, acontecem violências e perversões, de certo modo insufladas pela própria administração do presídio, por causa de seu comportamento sádico. Vai até o dia 25, no Ipiranga.

Quando o Sexo é Loucura - Dias 28 e 29, no Ipiranga. Não confundir com "Quando as Crianças Saírem de Férias".

Fogo na Torre - Não confundir com "Inferno na Torre"; também não se trata de incêndio num tabuleiro de xadrez. Dias 28 e 29, no Ipiranga.

O Sexualista - Dia 30, no Ipiranga. A distribuidora não mandou maiores detalhes, mas parece que criança não entra. (AF)

(NR. O filme "Táxi Driver", anunciado pelo J2a. na semana passada, teve sua exibição novamente suspensa. Não foram apresentados os reais motivos. Perdão, leitores).

E o ataque à Opep também virou filme

O ataque à sede da Opep, em Viena, em 1975, também não escapou: já virou filme e logo será apresentado aqui no Brasil, sob o título "The Carlos Connection". A produção é do canadense Don North, com direção de Les Rose.

Eles procuraram, com seus colaboradores, levantar todos os detalhes do que aconteceu no dia 21 de dezembro de 1975, quando os participantes de uma conferência da Organização dos Países Exportadores de Petróleo - OPEP, foram sequestrados. Reuniram cada in-

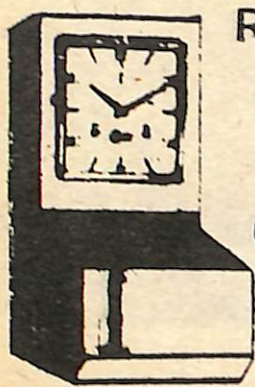
formação disponível sobre os membros do grupo do terrorista Carlos, suas motivações e suas personalidades, atentos a que o filme deveria oferecer aos espectadores de todo o mundo uma oportunidade de refletir sobre o que aconteceu e colocar-se na posição dos reféns.

O filme foi rodado em Viena e conta com a presença de alguns oficiais da polícia local que realmente participaram a ação antiterrorista. Aliás, o elenco todo é constituído de atores austríacos.

LEIA E ASSINE

O JORNAL DE 2ª

fone: 434-8648



RELOGIOS DE PONTO
ROD-BEL

REVENDEDOR AUTORIZADO
COMERCIAL PANIZZA
LTDA

BARAO-427 FONE-6-8231

NOVIDADE /
Charme
CALÇADO.
RO/AF.O.626

XEROX
também
é com o
FOTO
ZEZINHO
ROSA R.O. 523 FONE 6-3785



NESTA SEGUNDA-FEIRA, NA ACRE, O HUMOR SEM APELAÇÃO DE JOSÉ VASCONCELOS.

— “Alguém aqui pode me dizer se este ônibus passa pela Penha?” Diante da indiferença dos passageiros, todos amontoados perto do motorista, o homem ficou sem jeito. É que ele estava sabendo que todo mundo ali estava ligado numa espetacular loira sentada perto do motorista. A mulher mais linda que jamais apareceu em São Paulo. Incansável, o homem se aproximou do motorista e repetiu a pergunta: “O senhor pode me dizer se este ônibus aqui passa pela Penha?” A resposta: “Olha, moço, eu nem sei; não trabalho nesta Companhia”.

Histórias desse tipo fazem parte da crônica de “non sense” que é o show de José Vasconcelos, “Cidadão de Araque”, a ser apresentado nesta segunda-feira pela

ACRE — Associação Cultural e Recreativa de Esportes. (O espetáculo começa às 21 horas; quem não for sócio paga Cr\$ 40,00; sócios pagam Cr\$ 20,00). E o espetáculo está fazendo sucesso. Como da vez anterior — 1974 — pois Vasconcelos sabe como conquistar o público.

É não é exagero dizer que o público ri uma hora e meia sem parar: ele passa pelos problemas do ar poluído, do trânsito e por muitos outros dramas a que quase todos nós estamos acostumados. A televisão também não escapa, é claro. Vasconcelos tem um estilo diferente dos seus colegas, um jeito meio alucinado que justifica a progressão de seu humorismo até o absurdo. Esse é um aspecto positivo de sua graça.

POR QUE ARAQUE

Araque é uma gíria dos

anos 50. Na peça, é a cidade de onde vem o personagem central, cidade ilustre, “porque em toda parte existem médicos, professores, engenheiros, artistas de Araque”

Vasconcelos não perdoa a propaganda — “Hoje em dia, o cidadão precisa comprar um iate, um carro do último tipo e uma mulher maravilhosa só para fumar um cigarro” — e improvisa também:

Uma vez em Belo Horizonte, apareceu um grilo que voava pelo palco afora, desviando a atenção do público. Fingi que atirava nele e, coincidência ou não, o grilo caiu. Então me debrucei e disse:

— Volte amanhã à mesma hora para receber o cachê.

“Fazer comédia é coisa séria”

A primeira experiência de José Vasconcelos como “one-man-show” foi em 1959, com “Eu Sou o Espetáculo” — produção que ficou em cartaz durante três anos, em São Paulo. “Cidadão de Araque” foi lançado pela primeira vez em 1974:

— Fazer comédia é coisa séria. É trabalho de pesquisa constante. Às vezes, encontramos a fórmula certa, e o resultado nos surpreende. É muito difícil saber quando vamos agradar. Com este show, resolvi eu mesmo fazer o texto, com mais quatro bons humoristas — Roberto Silveira, Irvando Luis, Max Nunes e Haroldo Barbosa. Fizemos uma coletânea em cima de problemas do cotidiano e acho que o público se identifica.

Vasconcelos tem muita experiência em teatro. Começou aos 15 anos, como locutor, e trabalhou na Rádio Ministério da Educação, fazendo um programa sério. Atualmente, está nos planos da TV-Globo, para o programa “O Planeta dos Homens”, a ser apresentado novamente a partir de 8 de março. Mas sua maior paixão é fazer teatro, pois se sente mais estimulado com a presença do público.

— Neste espetáculo de agora, o importante é que não há apelação. Faço críticas do que está errado pelo mundo, pois acho que o teatro deve

estar sintonizado com sua época. Mas as críticas que faço são sutis.

PORNOGRAFIA NÃO

— Quando eu comecei a fazer teatro, os títulos das peças eram na base do bububu e todo mundo achava isso muito feio, uma falta de imaginação danada. Não é o meu gênero, eu sou um comediante que faz espetáculos para todos, inclusive e principalmente famílias. No dia em que fui obrigado a fazer pornografia no palco, abandono tudo, pois quero ser no teatro o que sou em casa, um pai e um marido que se faz respeitar.

Em resumo, como disse um jornalista de O Globo, José Vasconcelos dirige seu humor à burguesia-que-não-quer-ser-agredida e sai do teatro com a satisfação de poder repetir as piadas que ouviu. Uma fórmula que deu certo, pois não se tem notícia de algum problema de Vasconcelos com a censura.

— Acho que a piada mais forte deve ser sugerida, mas não se pode chocar a platéia com grosserias e nem há necessidade disso. Não faço graça à base de imitar homossexuais e, no meu humor, não há lugar para coisas que se fazem no banheiro. Em minha casa não sou assim por que vou ser no palco?

Na praça, um Milton mais geral. Ou melhor: “Geraes”.

Pra ouvir Milton Nascimento eu normalmente precisava esperar pelo astral favorável — o que dificilmente ocorria à luz do sol. É que a voz de abismo, a negritude e, mais ultimamente, a latinidade de Milton Nascimento sempre exigiram de mim uma atitude mais séria diante do toca-discos, levando a gente a pensar em tudo quanto é raiz da nossa cultura de terceiro-mundo e no que isso tem de genialidade, de universal (por favor, não entenda internacional). De artístico, no sentido mais lato.

De repente, o crioulo vem com “Geraes” e você quer ouvir o disco o dia todo, cada faixa cem vezes, “O Que Será” mil vezes.

Seria porque “Geraes” é um Lp mais comercial?

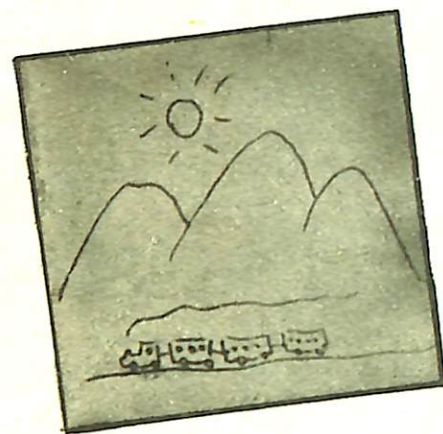
Se você entende comercial como sendo alguma coisa de nível mais baixo, absolutamente não! Ao contrário, “Geraes” tem momentos, nos arranjos e nas interpretações, que o colocam entre as melhores coisas feitas nos últimos tempos em matéria de som (por favor, não entenda sound). O que se pode dizer é que esse talvez seja o Lp mais “acessível” de Milton Nascimento, isto é, um disco que agrada mesmo às pessoas que consideram o mineiro “pesado demais” — ou “da pesada demais”, como queira. E, sob esse aspecto, a presença de Chico Buarque, Clementina de Jesus e Mercedes Sosa, certamente ajudaram a

diluir em “Geraes” o que os outros Lps de Milton têm de “erudito”, no sentido mais lato.

Mas é, acima de tudo, pelo prazer ao ouvir que “Geraes” se distingue dos demais. Dá gosto ouvir e ouvir a voz de Milton, carnal em “O Que Será”, mineira em “Calix Bento” e “Carro de Boi”, apaixonada e fraterna em “Volver a Los 17”, negra em “Circo Marimbondo”, perfeita nas onze faixas (a faixa 1 do lado B é tocada, apenas).

Pro meu gosto, destaque para “Calix Bento” de Tavinho Moura, letra adaptada de Folias de Reis do norte de Minas; “Volver a los 17”, de Violeta Parra, cantada com Mercedes Sosa; “Circo Morimbondo”, de Milton Nascimento, cantada por Clementina de Jesus, a quem Milton segue com respeito de filho pela preta que lhe é anterior em tempo e raça; e, é claro, “O Que Será” (A Flor da Pele), de Chico Buarque, onde acontece de tudo, a partir da vocalização de Milton na introdução, da forma como interpreta a primeira parte, do vocal junto com os violinos durante a interpretação de Chico Buarque, do dueto no final da música. Um destaque muito especial para Francis Hime, que fez o arranjo e que regeu essa faixa.

Se você conseguir ouvir “Geraes” sem sentir nenhum arrepio, pode se considerar sintetizado forever. (E.M.)



PROGRAMA

Clube Jundiense: domingo das 21 às 23h30, brincadeira dançante com o conjunto “Marco Zero”

Grêmio: dia 30; brincadeira dançante com o “Som Vox 6”.

Nacional: sábado, grito de carnaval com “Os Marvellous”. Para as mulheres a entrada gratuita e para homens é de 20 cruzeiros.

Banda: mini-baile com o “Som Alucinante”, sábado e domingo brincadeira com o “Loris Musical Show”

Caxambú: dia 29, Baile do Ouro com o conjunto “Young Brothers”. Nesse baile haverá a participação do cantor Roberto Leal.

ADIÓS, MACACOS

"As baleias morrendo por falta de escrúpulos comerciais".

Essa jóia da língua pátria é fruto da rock-inteligência do Rei Roberto Carlos e é uma das muitas mensagens que compõem a comvente balada, cujo estribilho é "Eu queria ser civilizado como os animais".

Falta pouco, Roberto, vá em frente. Obrigado, Senhor! (E.M.)



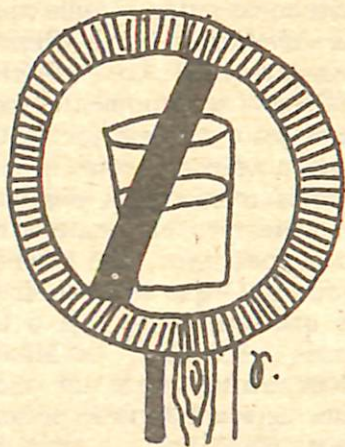
A FALÁCIA

Dizendo que eleição direta em âmbito estadual é uma "grande mentira", o vice-governador Manoel Gonçalves Ferreira Filho propôs que o governador seja eleito pelos prefeitos (pelo menos enquanto a maioria deles for da Arena, presume-se). Depois disse: "deixe-se de lado a falácia da eleição direta. Como o povo poderá bem es-

colher se não conhecer pessoalmente os candidatos?" Não é preciso conhecer pessoalmente o sr. Manoel Gonçalves Ferreira Filho para não votar nele, não é verdade? Aliás, quem votou nesse senhor? Aposto que numa falácia de eleição direta ele não se elegeria nem vereador. (V.V.)

PROIBIDO, PROIBIDO

Depois da proibição da tanga, da obrigatoriedade obsoleta de uniforme branco nas quadras de tênis, o Clube Jundiense saiu-se agora com esta: proibido beber na beira da piscina, mesmo que seja em inofensivos copinhos de plástico. Por que não instituir logo a palmatória para os mal-comportados? É a obrigatoriedade de entoar o Miserere antes e depois de um banho na piscina? E depois de tudo, mudar de ramo: de clube a convento. (S.V.)



PARA OMAR CARDOSO

Eu sou do signo de capricórnio, último decanato, faço aniversário no último dia do signo. Com base nesses dados, desejo saber se os astros estão a meu favor. Se devo confiar, se devo descobrir o Brasil ou devo racionalizar.

Por favor, responda imediatamente, pois tenho de programar minha vida para este ano de 77. (V.V.)



PROGRAMA PRA "LOGO APÓS"

Enquanto prepara a nova seleção de filmes para o horário depois do "Fantástico" (argh!), a Rede Globo estará rerepresentando os "Casos Especiais" de autoria de Oduvaldo Vianna Filho.

Dois deles já foram levados ao ar: "Enquanto a cegonha não vem" e "Medéia".

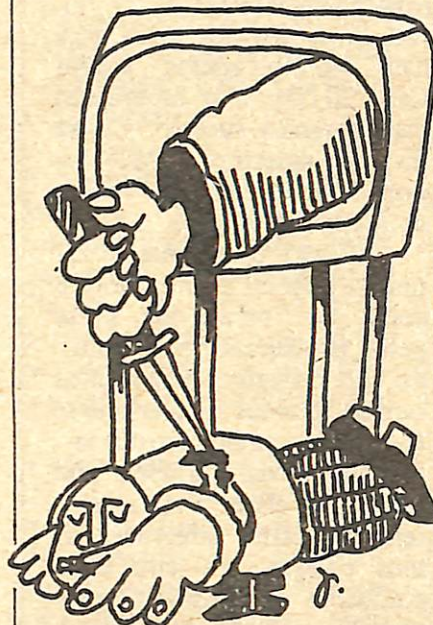
Vale a pena ligar na Globo, logo após o "Show da Vida". (E.M.)



ENÉAS, ATACANDO

Deu nos jornais de terça-feira passada, dia 18: "Centroavante Enéas autuado por agressão".

Parce que o moço não pegou bem o espírito da coisa, quando lhe disseram que devia atacar mais. (AF)



FIQUE DOENTE

De repente, "o trânsito mata mais que todas as doenças juntas", segundo o comercial dos amortecedores Cofap. "As lagoas e represas matam mais que todas as doenças", segundo aviso do Corpo de Bombeiros.

Tenha a impressão que se trata de uma campanha em favor das moléstias infecto-contagiosas. (E.M.)

ESTÃO FALANDO DE NÓS

No Pasquim da semana passada (n.º 394) há uma excelente entrevista com o Adoniran Barbosa. E pasmem os senhores: ele revela que morou em Jundiá em tempos idos, mais exatamente 1918. Ele ajudou o pai na estação, trabalhou na fábrica Japi, saiu do grupo "Si-queira de Moraes" no 3.º ano porque não tinha dinheiro pra comprar material escolar. Ele diz também que naquela época Jundiá já tinha cortiço, mas neça de progresso. Depois dessa, pra quebrar o encanto da entrevista, é bem capaz de alguém querer dar a ele o título de "Cidadão Jundiense" (Kazuo)

TESOURAS GLOBAIS

Das mazelas de se ficar em casa num domingo à noite: a tevê Globo, depois de reprisar um dos casos especiais de Oduvaldo Viana Filho, exibiu "Pequenos Assassinos", um filme baseado numa peça de Jules Feiffer, famoso cartunista. Quando foi exibido nos cinemas, o filme ganhou muitos elogios da crítica, e uma de suas cenas foi considerada particularmente brilhante: a cena do casamento hippie entre os dois heróis do filme, onde um ministro de Deus (Donald Sutherland) fazia um impagável sermão provando que Deus não existia mais. A Globo, não satisfeita com as censuras alheias, resolveu auto-censurar-se e simplesmente mutilou toda a cena do casamento. Falta de respeito? Falta de caráter? Falta de vergonha? É hora de confiar em quem: nas tesouras da Globo? (S.V.)



FOTO LUIZ
Agora em novas instalações.
Rua São José, 22

FOTO GELLI
Rua do Rosario, 334
Fone 4-2253

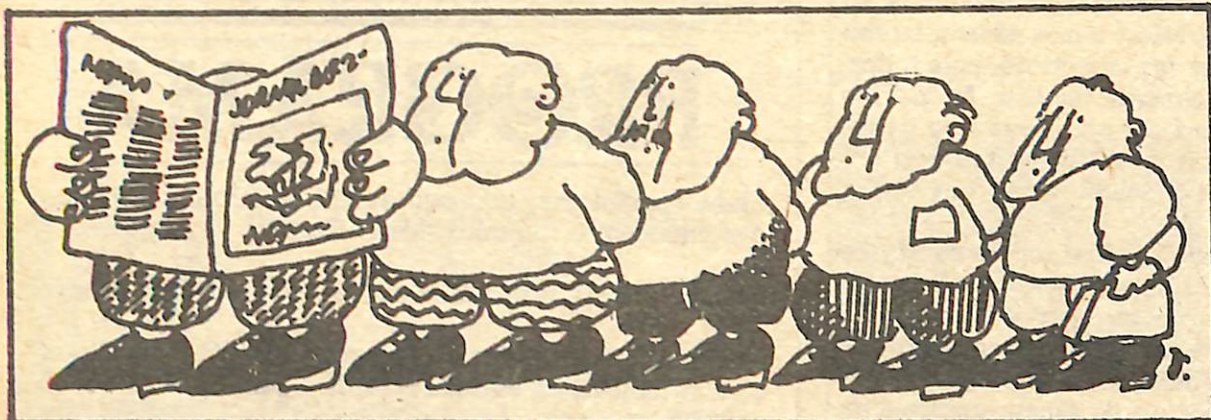


LAGO AZUL

RESTAURANTE
PIZZARIA
CHURRASCARIA
SAUNA • MOTEL

VIA ANHANGUERA, KM. 72

ASSINE O JORNAL DE 2ª.



UM JORNAL DE MUITA COR
E MUITO PRETO NO BRANCO.

Advocacia

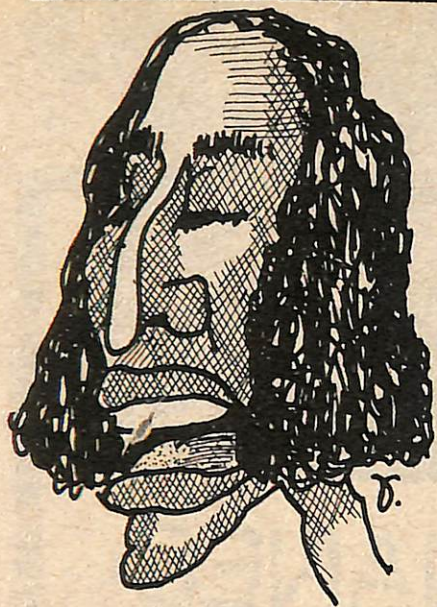
dr. Ademercio Lourenção

dr. Alcimar A. de Almeida

dr. Francisco V. Rossi

R: SIQUEIRA DE MORAIS
N-578 TANDAR
EDIFICIO MARIU

Escritório Comercial Leonel
Rua Vigário JJ Rodrigues, 162
Fone 436-1541



AI, BETHANIA!

Quem estiver pelo Rio de Janeiro nesses dias, e puder se divertir, terá a oportunidade de assistir ao novo show de Maria Bethânia.

Ela volta a declamar Fernando Pessoa e Clarice Lispector, o repertório de suas músicas terá muito Chico, Suely Costa e Luiz Gonzaga Jr. Como sempre o show será no Teatro da Praia e Bethânia será dirigida pelo excelente Fauzi Arap. Para os que não puderem ir ao Rio resta esperar que o show chegue a São Paulo, o que não acontece há três anos. (Carole).

ICA PRA TODO MUNDO

Somente agora é que pude entender o significado de "aditivo", em matéria de combustível. (E.M.)



JOGO SIM, ESCOLA NÃO.

O comentarista esportivo Walter Abraão, pela rede Tupi abordou o problema do jogador Zico do Flamengo não poder se ausentar da concentração no Embu, em São Paulo, para poder realizar seu exame vestibular. Segundo

Apartamento na Praia Grande Aluga-se.

Acomodações até 9 pessoas. Tratar com Irineu Romanatto Filho - Av. Alvaros de Azevedo, 403 - Fone: 436-2832.

De frente para o mar. Lugar sem poluição ao lado do Aeroporto.

o técnico Brandão, nenhum jogador pode sair durante o período em que estão se adaptando da volta de férias, para exercícios físicos e avaliação. Isso tudo está dentro da lógica. O que causou estranheza foi Walter afirmar com a maior cara de convicção deste mundo, que é evidente ser, para o jogador Zico, mais importante deixar de realizar o vestibular do que abandonar a concentração. Se todos os jogadores tiverem este pensamento, está seriamente arriscado seu futuro após a curta carreira de jogador. Sem um diploma nas mãos, ele viverá de quê? das glórias do passado? O certo será arranjar um jeito de Zico prestar seus exames mesmo que seja no Embu, com o comparecimento de professores autorizados. (Carole)



FINALMENTE, REVELADO!

O cabelo que Gilberto Gil está usando agora é uma característica dos "rastafarians" jamaicanos que estão produzindo o melhor e mais forte "reggae" do mundo.

(Informação dada por Nelson Motta em sua coluna no Globo e que transcrevemos aqui por ser de interesse geral dos leitores) (AF)

LEIA E ASSINE O JORNAL DE 2ª

fone:434-8648



O JAPÃO É MAIS EMBAIXO

Deu na Folha de São Paulo que os moradores da avenida Monteiro Lobato, em Guarulhos, anunciaram a descoberta de uma "entrada para o Japão. Referiam-se ironicamente a um enorme buraco em frente ao número 563 da avenida.

Comentário de um morador da rua Carlos Gomes: - Engano deles. Aquele buraco vai dar na minha rua. (AF)

MEMÓRIAS

No tempo do governo comum-pelego-trabalhista de João Goulart foi decretado um desconto obrigatório no salário da gente. A medida visava a combater a inflação galopante e foi denominada "empréstimo compulsório". Manobra do comunismo internacional, certo, Estadão? (E.M.)

LUZES! LUZES!

Vêm as vozes oficiais e dizem que 1977 será um ano difícil. Depois, aparece um anúncio dizendo que o pessimista é um chato. Aparece a notícia de que o governo quer que economizemos gasolina e tasca uma taxa de 2 cruzeiros por litro, fecha os postos nos fins de semana, e o ministro diz que acabou a era do transporte individual. Aí abrem com grande pompa mais uma fábrica de automóveis e aparecem lindos e coloridos anúncios na televisão estimulando a gente a descobrir o Brasil, como se a gente pudesse ir até Maceió a pé. Durma-se com um barulho desses. Dê-nos luzes, urgente! O que devemos fazer? (S.V.)

MICHELANGELO?

Primeira página do Jornal da Cidade: "a nova igreja da Paróquia São João Batista está sendo pintada por um artista, discípulo de Michelangelo". Santo Deus! Quantos séculos tem esse homem? (S.V.)

CONSTRUTORA JUNDIAI LTDA.
r Siqueira de Moraes n 578
8º andar conjunto 801 C

FOTOCOPIADORA MALTONI

TEMOS O MELHOR SERVIÇO DE XEROX DA CIDADE

Rosário, 618 Fone - 6-8460

A ASTRA existe para que não existam banheiros mal decorados.

AS TAMPAS PLASTICAS, ARMARIOS DE PENDURAR E ARMARIOS DE EMBUTIR QUE A ASTRA FABRICA, DECORAM DISCRETAMENTE O SEU BANHEIRO



Rua Colégio Florence, 59 - tel: 434-6398, 434-6598 e 434-6798.



Faculdades "PADRE ANCHIETA" de Jundiaí
RUA MARCÍLIO DIAS, 299 fone, 434-1763

VESTIBULAR 77
ECONOMIA - ADMINISTRAÇÃO DE EMPRESAS - CIÊNCIAS CONTÁBEIS - LETRAS (portugues / inglês / licenciatura plena)
CIÊNCIAS - DIREITO - PEDAGOGIA: administração escolar 1º 2º graus e magistério
INSCRIÇÕES: ABERTAS * TODOS CURSOS RECONHECIDOS
EXAMES: 24 A 27 DE JANEIRO / 77

Nos ônibus, as mulheres cobradoras

Jundiaí é hoje uma cidade com características de metrópole, principalmente nos aspectos negativos. Atualmente, as mulheres e as crianças trabalham, em serviços que nunca fizeram antes. Agora, elas também são motoris-

tas de táxis e cobradoras de ônibus. Os tempos em que se ocupavam apenas das chamadas "prendas domésticas" parece estar se acabando. Sobre isso, quatro cobradoras falam de suas vidas e dessa nova profissão para elas:

● Maria Silvana de Oliveira tem 18 anos e desde o dia 4 de dezembro é cobradora da empresa Auto Ônibus Jundiaí. Ela acha muito bonito esse serviço, porque lida bastante com o público e, apesar de já ter trabalhado em bar e lanchonete, não se adaptou bem.

"Eu acho que não há problema da mulher fazer o mesmo serviço que o homem, pois os direitos são iguais, e muitas coisas ela pode fazer até melhor". Maria disse que no começo, as pessoas, mesmo achando bom, estranhavam um pouco.

"As pessoas conversam muito com a gente e algumas delas perguntavam pelos rapazes que faziam nosso serviço e então a gente explica que eles foram para outras linhas, depois a gente começa a conversar e pega amizade com muita gente — disse Maria.

Falou ainda que tem um filho, mas se tivesse uma filha, seria a mesma coisa: "ela poderia trabalhar como eu"

serviço para mulher ou para homem, afinal todos tem o mesmo direito.

"Gosto da minha profissão, o salário é o mesmo de fábrica, e o horário é um pouco melhor, tem dia que trabalha 12 horas, mas tem dia que você trabalha só seis, e isso é muito bom. Se eu tivesse uma filha, gostaria que ela trabalhasse nisso, e tivesse a mesma liberdade que eu".



Marisia: faço quase nada.

● Aparecida do Carmo Arregolão entrou na Auto Ônibus Jundiaí no dia 1.º de dezembro como cobradora. Isso depois de ter trabalhado em loja, fábrica e no bar do pai, serviços que não gostava de fazer.

Ela explica como começou na empresa: "eu tinha um colega que trabalhava lá, então ele me avisou que iam ajustar mulheres para serem cobradoras de ônibus. Eu fui, fiz um dia de experiência e logo estava empregada".

"Eu gosto muito de me comunicar — disse Aparecida — e aqui você conhece todo tipo de gente: pobre, rico, gente humilde, uma pessoa mais esclarecida, de todo jeito. É muito bacana, é maravilhoso você começar num serviço que antes só homem fazia".

Aparecida disse que no primeiro dia, todo mundo ficou curioso, e perguntavam se havia mais mulheres fazendo o mesmo serviço, "se

você gostava de fazer aquilo, porque você estava ali, mas depois foram se acostumando".

● Olívia Simionatti tem 22 anos e é cobradora desde o dia 4 de dezembro. Ela disse que viu no jornal que estavam empregando mulheres para esse serviço, e foi lá para se empregar.

"Sempre achei esse tipo de trabalho interessante, e agora estou gostando mais ainda — disse Olívia. O horário, às vezes, atrapalha um pouco, não dá para se alimentar direito, mas não chega a ser prejudicial".

Os cobradores trabalham alternadamente, um dia 12 horas e outro 6 horas. No dia em que fazem as 12 horas, começam a trabalhar às 5 horas da manhã e vão até 11:45, depois voltam às 17:45 e ficam até às 24 horas. O período de 6 horas vai das 11:45 às 17:45.

Olívia acha que esse serviço é mais um meio de libertação da mulher, "é bacana — disse — as pessoas mais idosas são muito gentis conosco, e mesmo os rapazes nos respeitam muito.

"Eu tenho dois filhos, mas se tivesse uma filha, é verdade que eu ia procurar dar o melhor para ela, mas caso não pudesse, não faria questão em empregá-la no mesmo serviço que o meu".



Olívia: o serviço é bacana".

OSCAR JANES: elegante, sobre patins.

Em Jundiaí por volta de 1930, havia um rapaz magro que deslizava elegantemente sobre patins nos dois riques existentes: Ideal e Rio Branco. Patinar era moda na época. Cobrava-se uma taxa maior de quem não tinha patins, quem os tivesse recebia um generoso desconto para mostrar suas habilidades diante das moças encantadas e saídas do lar onde recebiam severa educação paterna.

Aquele era um tempo cor-de-rosa, quando havia condições para um discreto galanteio dirigido às futuras donas-de-casa, pois mulher não podia sequer trabalhar em palco sem por em perigo sua reputação. O rapaz magro e elegante era Oscar Janes, um excelente patinador, que fala desse esporte:

— Parecia uma epidemia, uma febre. Nós nunca tivemos orientadores, as pessoas compravam patins e começavam. Aqueles que tinham dom para a coisa, pois a pessoa já nasce capaz: é só desenvolver, já subiam e não caíam, as dificuldades eram poucas. Tudo que precisa é adquirir equilíbrio entre o joelho e o tornozelo. Tínhamos também mulheres que eram boas na coisa, como a Nega Basille e a Aíde Mojola".

Representando o Ideal, Oscar foi consagrado campeão jundiaiense de patinação quando disputou com Bruno Tealdo pelo Rio Branco em 1931. Além de disputas entre frequentadores de ambos os riques, Oscar jogava hóquei, representando Jundiaí, no Cine República em São Paulo.

Além de hóquei, a patinação possui várias modalidades de competição: corrida de velocidade, corrida com obstáculos, corrida de costas, patinação acrobática e a patinação artística, que é o desenvolvimento mais apurado a que chega o patinador.

Segundo Oscar, o que interrompeu a prática foi a revolução de 1930: "não era moda, era um esporte. Quando estourou a revolução houve uma interrupção de atividades, evidentemente a patinação caiu. Em 32 outra revolução interrompeu novamente".

Oscar afastou-se há muito tempo e lembra-se apenas de algumas coisas da época: "a gente assiste muita coisa engraçada na patinação, mas a melhor é ver os calouros — caem, caem e não desistem. É mais interessante que ver um patinador comum. Eu me lembro que em 56, no Bolão, veio primeiro conjunto

artístico de patinação. Na época não havia calçamento, as ruas eram todas de terra, e alguns dias antes desse show choveu que foi uma calamidade, daí foi um fracasso, pouquíssima gente conseguiu ultrapassar o barreiro. Como eu funcionei de empresário, tive que arcar com as despesas. Mas o show mais lindo, que ainda circula pelo Brasil, são os Periquitos em Revista, que vieram para cá por volta de 64. Eles têm cenários, jogos de luz, roupagens e patinadores excelentes".

Quanto a essa nova "onda" de skate, Oscar não vê muito semelhança com a patinação: "o skate é um patinão, praticado em ruas em declive onde você trabalha com os dois pés em cima de uma tábua. Com ele, você só pode fazer acrobacias, já com os patins pode-se dançar um samba, um bolero, um tango ou qualquer ritmo que exija movimentos rápidos".

Oscar tem uma sugestão que, segundo ele, incentivaria esse "elegante esporte" e daria a Jundiaí um divertimento a mais ("já que eles são tão poucos"):

"Nós temos aqui no Clube Jundiaiense (de campo) e eu quero crer que nem os próprios diretores tenham conhecimento, um piso próprio para a prática da patinação. Ele fica em cima do vestiário, bastaria passar uma camada de argamassa própria e aumentar as grades. Então esses casaisinhos que ficam horas andando de carro e gastando gasolina, já poderiam ir praticando um pouco — é uma beleza. (E dentro da redação do J2a., Oscar ensaia alguns passos como se estivesse segurando uma patinadora pela cintura).



Maria: "gosto desse serviço"

● Marisia Manacero tem 19 anos e faz quase dois meses que é cobradora de ônibus. "Gosto dessa profissão — disse ela — porque a gente quase não faz nada e conversa com pessoas diferentes o tempo inteiro.

"Eu não tive problemas com passageiros: os rapazes me respeitam muito e as mulheres, as senhoras, tem mais intimidade com a gente". Ela acha que não se deve fazer distinção entre os tipos de